

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Instituto Multidisciplinar de Nova Iguaçu

Licenciatura em História

Glauco José Costa Souza

Entre o cavalo e o barco, só podemos a bola:

**O processo de desenvolvimento do futebol no Rio de
Janeiro entre as camadas populares no início do século**

XX

Nova Iguaçu, julho de 2015

GLAUCO JOSÉ COSTA SOUZA

ENTRE O CAVALO E O BARCO, SÓ PODEMOS A BOLA:

**O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DO FUTEBOL NO RIO DE
JANEIRO ENTRE AS CAMADAS POPULARES NO INÍCIO DO SÉCULO XX**

**Monografia apresentada ao curso de
Licenciatura em História da
Universidade Federal Rural do Rio
de Janeiro como pré-requisito para a
obtenção do título de Licenciado em
História**

**Prof. Orientador. Dr. Alexandre
Lazzari**

Nova Iguaçu

RJ, 2015

GLAUCO JOSÉ COSTA SOUZA

ENTRE O CAVALO E O BARCO, SÓ PODEMOS A BOLA:

**O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DO FUTEBOL NO RIO DE
JANEIRO ENTRE AS CAMADAS POPULARES NO INÍCIO DO SÉCULO XX**

Comissão Examinadora

Prof. Dr. Alexandre Lazzari

Prof. Dr. Álvaro Pereira do Nascimento

Prof. Dr. Ricardo Pinto dos Santos

Resumo:

A presente monografia tem por objetivo demonstrar algumas possibilidades que explicam o desenvolvimento do futebol fora dos clubes da elite do Rio de Janeiro no início do século XX. Para esta análise, o esporte bretão será inserido dentro da cultura esportiva que se tornava cada vez mais forte na sociedade carioca desde o final do século XIX. Assim, ao mesmo tempo em que muitas práticas esportivas cresceram, o futebol encontrou seu espaço nesse processo, de modo que, já nos últimos anos da primeira década do século passado, não se pode dizer que, em relação a sua prática, ele seja monopólio de uma ou outra camada social.

Palavras-chave: futebol, Rio de Janeiro, camada social.

Resume:

This work aims to demonstrate some possibilities that explain the development of football outside the elite clubs of Rio de Janeiro in the early twentieth century. For this reason, the sport in Britains will be inserted into the sporting culture that was becoming stronger in Rio society since the late nineteenth century. Thus, while many sports practices grew, football found its place in this process, so that, as in recent years of the first decade of the last century, one cannot say that in relation to his practice, he is monopoly one or another social layer.

Keywords: football, Rio de Janeiro, social layer.

Agradecimentos

A oportunidade de realizar esse sonho só existiu graças ao empenho de duas pessoas sem as quais eu não estaria aqui: minha mãe, Maria das Graças Costa, que já está no céu e por 14 anos, 10 meses e 22 dias cumpriu diariamente a função de cuidar de mim para que eu fosse uma pessoa melhor, e minha "mãe", Elida Pinheiro Silva, ou tia Elida, que desde a partida de minha progenitora assumiu a missão era dela.

Sem essas duas mulheres-guerreiras-vencedoras, esse trabalho jamais teria tido a chance de chegar em minha mente. Contudo, não foram somente elas as responsáveis por me ajudar nessa jornada que está chegando ao fim. Agradeço imensamente aos meus "tios" Sidney, Waguinho, Ana e Mônica, por cuidarem de mim em vários momentos da vida, tais quais aos meu "irmão" Maurício e aos meus "primos" Lucas, Dayana e Jullyanna.

Ao longo desses quatro anos e meio de graduação tive a honra de lidar com professores brilhantes que citarei nominalmente mesmo sob o risco de esquecer algum: Prof. Dr. Alexandre Lazzari, pela orientação e ajuda nesta monografia; Prof. Dr. Álvaro do Nascimento, por despertar em mim a paixão pela história social e me apresentar as obras de Edward P. Thompson; Prof. Dr. Alexandre Fortes, por me mostrar o quão prazeroso é buscar conhecer a história do trabalho no Brasil; Prof. Dr. Marcelo Basile, por me fazer entender que os erros também podem ensinar; e Prof. Dr^a Surama Conde de Sá, por mostrar que é possível ter prazer dando aula.

Além dos docentes, não menos importantes foram os discentes que tive a oportunidade de conhecer. De início não posso deixar de mencionar o meu amigo/irmão Ricardo Souza, companheiro de longas discussões sobre história, seja no bar, por telefone ou na sala de aula. Agradeço demais a este jovem que me ensinou a importância de correr atrás de seu sonho. Carlos Jocarbas, pela serenidade e experiência nos momentos certos; Daniel Mirzahy, que mostrou o quão a disciplina pode ser recompensadora; Mayara Souza, sempre divertida; Diego das Neves, um ser "original". além de Pedro, Daniele, Jéssica, Guilherme, Roberto, Juliana e tantos outros que de uma maneira muito próprio, fizeram parte desse momento.

Fui feliz demais ao conhecer o Alexandre "da lanchonete", um homem que vende lanches na porta do IM. Mais do que um amigo, ele foi a imagem de um verdadeiro pai para mim e um exemplo de vida. Vi esse rapaz transportar seu material de trabalho e sua esposa, Alessandra) em uma bicicleta quanto iniciei a graduação, mas saio dela sabendo que ele cresceu: não só ampliou o seu trailer, como também comprou um carro e fez até um filho (risos).

Por falar em prole, não posso deixar de ressaltar que no fim da graduação descobri que vou ser pai. Não sei o sexo e muito menos o nome dessa criança que está vindo, mas agradeço a ela por me mostrar que o mundo é um lugar mágico.

Se terei um filho, devo também agradecer a uma pessoa que surgiu na minha de maneira explosiva, mas que tenho certeza que me tornou uma pessoa melhor: Camila. Seria injusto não citar outros dois nomes que também foram importantes nesse processo e agradecer a Denhifer e Thamyres, duas mulheres espetaculares que tenho o orgulho de conhecer e, que tenho certeza, a vida delas será bem melhor sem a minha presença.

Gostaria de ressaltar a dificuldade que foram esses 9 semestres em que tive que conciliar a graduação com o trabalho. Se não fosse a paciência e a compreensão de alguns amigos, sei que não estaria conseguindo encerrar mais esse ciclo. Dona Edna, Carlos, Ariana, Gustavo (meu "juiz pessoal"), Jonathan (meu "advogado pessoal"), Antonio (o "Toim"), Flávia Mouta (chefe sensacional que me ensinou a escrever corretamente e usar a caneta vermelha corrigir os erros), Antonio Berwanger, Gabriel Nassim (quem me emprestou livros valiosíssimos), Verônica, Lucimar, Luiz Antonio e tantos outros que não citarei, pois esse texto já está grande demais. Há também um amigo que não é do trabalho, mas é como se fosse, tendo em vista o crescimento no âmbito laboral: Carlos Eduardo Fróes Martins, um amigo único e "especial".

Por fim, agradeço a galera do Laboratório de Sports da UFRJ, que abriu as portas para que eu, um simples graduando, pudesse participar das reuniões maravilhosas que são feitas ali, quinzenalmente as terças-feiras. Em especial, muito obrigado ao Prof. Dr. Victor Mello, cujas pesquisas são verdadeiras "bíblías" para mim, e ao Prof. Dr. Ricardo Pinto, pelas pesquisas de futebol e racismo que foram o pontapé inicial nesse desejo de estudar futebol.

SUMÁRIO

Introdução	8
Capítulo 1 – O nascimento do futebol	11
1.1 A chegada e os primeiros chutes do futebol no Brasil	14
1.2 Uma visão da Capital Federal	16
1.3 A importância da educação física	17
Capítulo 2 – O surgimento do esporte moderno no Brasil	20
2.1 O Lazer	20
2.2 O esporte no Rio de Janeiro	21
2.3 Os <i>sportsmen</i> do Rio de Janeiro	27
Capítulo 3 – A popularização do futebol	35
3.1 A bola começa a rolar	37
3.2 Da diversão para a competição	41
3.3 O futebol se aproxima dos outros esportes	44
3.4 A bola exclui os excluídos?	45
3.5 Os Campeonatos de Futebol no Rio de Janeiro	48
3.6 A desigualdade social refletida no esporte	51
3.7 As Ligas Alternativas	55
Conclusão	60
Referências	67

Introdução

Enfim, nos anos iniciais do século XX já estavam lançadas as bases e estabelecidos os sentidos básicos do que Nicolau Sevcenko chama de “febre esportiva” (1998); que vinha se desenvolvendo desde meados do século XIX. Naquela primeira década, outras práticas esportivas já estavam em processo de organização: atletismo, natação, polo aquático, ciclismo, equitação, esgrima, tiro ao alvo, tênis, automobilismo e a prática que mais marcaria a cidade [do Rio de Janeiro] e o país, o futebol. (MELLO, 2010, p.72)

A historiografia sobre o futebol no Brasi, conforme verificado nas obras de Leonardo Pereira e Hilário Franco Júnior, trabalha o tema focando nas atuações dos agentes da elite e em como estes criaram barreiras que impediram o acesso de indivíduos das camadas baixas ao jogo. Contudo, sabe-se que o futebol é o esporte mais popular do país, logo, tal afirmação não poderia ser feita se o mesmo não estivesse na preferência da maioria das camadas sociais que compõem o Brasil.

Uma vez que o futebol tenha sido monopólio da elite, como explicar a sua popularização entre indivíduos não elitizados já no início do século XX? Será que ninguém mais além dos chamados “*sportmen*” jogava bola naquele período? O que frequentemente é esquecido se refere às maneiras como os agentes sociais das camadas baixas praticavam este esporte. O presente trabalho almeja discutir esse ponto e também as razões que levaram o futebol a cair no gosto popular.

O futebol chegou ao Brasil como parte de uma cultura proletária inglesa que foi abraçada tanto pelas elites quanto pelas classes baixas, mas de formas distintas e de acordo com as necessidades e possibilidades de cada grupo. A existência da Liga de Futebol no Rio de Janeiro, em 1906, e das Ligas "Alternativas", em 1907, são exemplos disso.

Na Inglaterra, o futebol foi visto como um importante fator para o controle da violência nos desportos. Ligado às fábricas que surgiram após a Revolução Industrial, este esporte foi introduzido na classe proletária inglesa e ajudou a controlar e a moldar sua cultura. Tamanho foi o seu sucesso por lá que a própria elite local também se identificou com ele.

Guardada as devidas proporções, tal processo, também pode ser verificado no Brasil, em especial no Rio de Janeiro. O futebol chegou por aqui como fruto de importação, assim como o turfe e o remo que tiveram grande destaque. Não obstante, ao

contrário destes, o futebol não ficou completamente preso à elite carioca no que se refere a sua prática.

A análise do material escrito a respeito dessa temática é o ponto de partida, mesmo que boa parte do que se tem registrado até hoje não seja fruto de obras historiográficas. Contudo, este trabalho não se resume apenas a revisões, mas também almeja contribuir com a introdução de dados até então desconsiderados ou mesmo vistos sob aspectos diferentes. Desta forma, a leitura dos jornais da época, como o Correio da Manhã, o Diário de Notícias, o Gazeta de Notícias, o Jornal do Brasil, o Paiz e a Revista O Malho nos ajudará a entender um pouco mais o objeto estudado, haja vista a quantidade e a variedade de informações presentes neste periódicos acerca do futebol. Por meio da análise de seções esportivas, mas principalmente daquelas que não falam propriamente deste assunto e sim do cotidiano da vida na cidade do Rio de Janeiro foi possível encontrar elementos que indicam a existência do futebol fora do cerco dos clubes elitistas. A leitura desse material foi feita desde o ano de 1870, quando por meio do turfe, a prática de atividades físicas se difunde com mais intensidade na Capital Federal, até 1908, período em que o remo e o futebol se encontram em grande ascensão.

No Primeiro Capítulo será feita uma análise sobre como o futebol nasceu na Inglaterra e como ele chegou até o Brasil. Essa análise consiste na leitura da bibliografia sobre o tema, com destaque para os trabalhos de Nobert Elias, Eric Dunning e Eric Hobsbawn. Com relação ao Brasil, os trabalhos de Hilário Franco Júnior e Richard Graham nos mostram a introdução do futebol como absorção de parte da cultura britânica.

Não obstante, nesta parte também ocorrerá uma contextualização do período histórico do Brasil, com destaque para o que acontecia no Rio de Janeiro, de modo a demonstrar em que cenário o futebol foi inserido.

No Segundo Capítulo o cerne da observação se dará sobre as transformações ocorridas no Rio de Janeiro na transição do século XIX para o século XX, de modo a compreender como as mudanças estruturais também provocaram modificações no plano cultural com a valorização dos esportes. O turfe e o remo, muito bem apresentados no trabalho de Victor Mello, são importantes exemplos para identificar essas alterações.

No Terceiro Capítulo o objeto será o futebol e a sua relação com as diversas camadas sociais que o praticavam. Aqui não é feita uma análise apenas institucional

deste esporte, mas uma observação descentralizada sobre a sua inserção no cotidiano das classes baixas do Rio de Janeiro.

O futebol é, portanto, visto como uma forma de lazer que, embora se institucionalize no ambiente elitista, não se restringe a esse grupo. A sua prática pelas camadas populares se dá por meio de pequenos *matches* diários, de acordo com a disponibilidade dessas pessoas, mas outras conseguem até mesmo fundar clubes e ligas alternativas que, embora não rivalizassem com o Campeonato "Oficial", permitiram a outras categorias sociais se divertirem por essa forma de lazer.

Assim, são apresentados os elementos que não só permitiram ao futebol ser praticado por diversas categorias sociais, como também os que facilitaram o seu enraizamento na cultura das pessoas comuns.

O futebol tem sido um tema abordado pela academia nas últimas décadas e, por sua análise, tem sido possível tirar importantes conclusões acerca das sociedades que o praticaram e o praticam atualmente. Esse também é um objetivo deste trabalho, que longe de esgotar as abordagens sobre a temática, visa dar uma pequena contribuição acerca das discussões sobre o esporte bretão. Afinal de contas, quem nunca bateu uma bolinha no Brasil?

Capítulo I – O nascimento do futebol

O futebol é uma das muitas formas de lazer praticadas com a bola, de modo que para entendermos o seu desenvolvimento devemos enxergá-lo como uma dentre outras práticas de diversão, independentemente de esse objeto esférico – que chega a ser sagrado para alguns – ser ou não o instrumento principal.

É importante dizer que desportos com bola existem em grande quantidade e também já existiam assim em tempos pretéritos, o que não significa que o futebol como nós o conhecemos hoje em dia também advenha desse período.

Robert Elias e Eric Dunning na obra *A Busca da Excitação* afirmam que “desde o século XIV em diante podem encontrar-se, nas fontes inglesas, referências bastante seguras a um jogo de bola chamado futebol” (ELIAS e DUNNING, 1985, p.257), mas apenas o nome não é elemento garantidor de que ali está a origem do futebol. Contudo, é notório que a partir desse período a sociedade europeia tenha adotado as atividades de desportos estruturadas, resultante da ordenação social que começava a nascer com a aproximação do fim da Idade Média e o surgimento do Estado, e que tiveram origem na Inglaterra muitos dos desportos da atualidade (boxe, corridas de cavalo, tênis, caça a raposa, atletismo, críquete).

A Inglaterra acumulou durante o século XVIII boa parte do ouro escoado das Minas Gerais e o aplicou no desenvolvimento industrial. O retorno desse investimento foi elevadíssimo ao ponto de rapidamente saturar o mercado britânico no início do século XIX. Assim, surgiu a necessidade de buscar novos empreendimentos para além das terras inglesas. A derrota de Napoleão Bonaparte fez a França, e todos os demais países a ela dependentes, sucumbirem perante a supremacia inglesa, de tal modo que a Inglaterra exerceu forte influência no desenvolvimento fabril dos países europeus, como Portugal, Itália, Espanha e Suécia, e nas nações recém-independentes, como as ex-colônias espanholas e portuguesa (Brasil).

Essa expansão se deu, inicialmente, como o exemplo do Brasil indica, através de financiamentos para as necessidades iminentes da fase pós-independência. Nesse sentido, podemos citar os três milhões de libras esterlinas que foram transferidos de Londres para o Rio de Janeiro e serviu de pagamento a Portugal pela independência brasileira.

Na intenção de encontrar negócios mais confiáveis e rentáveis, as ferrovias, cujo investimento inicial era extremamente elevado, surgiram como uma excelente opção.

A pressão social interna na Inglaterra nesse período era altíssima. Revoltas de trabalhadores, de desempregados e famintos eram constantes na sociedade inglesa, bem como as muitas mazelas produzidas pelo crescimento desordenado das cidades industriais. Para eles também as ferrovias foram importantes, pois a sua construção necessitaria e muito do conhecimento que os trabalhadores britânicos possuíam. Dessa forma, muitos indivíduos e suas famílias partiram para os quatro cantos do mundo no intento de ensinar como construir estradas de ferro e, conseqüentemente, exportaram também características da cultura britânica, dentre as quais estava o futebol.

Durante esse processo de transformação industrial ocorreu a transformação cultural dos indivíduos que passaram a compor as novas classes sociais, pela qual “homens e mulheres adaptaram-se as novas condições de vida, alterando as formas tradicionais de suas aldeias e cidades pré-industriais” (HOBSBAWN, 2000, p.261).

Assim como o trabalho manual coletivo foi profundamente entrelaçado com o cotidiano inglês no século XVIII, o trabalho industrial também se tornou elemento chave na vida dos homens e mulheres na Inglaterra do século XIX. Novos rituais e práticas de lazer começaram a ser percebidos e adotados para se enquadrarem no novo ritmo de trabalho, assim como as cidades foram se moldando com a implantação das fábricas.

A organização da cidade de Londres no século XIX explica a organização urbana de várias outras cidades industriais inglesas e do restante do mundo. As habitações dos trabalhadores, por exemplo, tenderam a ser próximas ao seu local de trabalho por pior que fossem as condições, haja vista o fato do “transporte barato de casa para o trabalho não era [sic] o objetivo das ferrovias e das companhias de ônibus, e somente veio a ser fornecido em larga escala muito mais tarde. E, mesmo então, parcialmente como resultado de agitações radicais da classe operária” (HOBSBAWN, 2000, p.168).

O trabalho foi o norteador das ações naquele período, como o era nos anteriores, mas nem só da labuta viviam aquelas pessoas. Assim como nas sociedades pré-industriais, o divertimento era um importante instrumento para caracterizar as pessoas e identificar a sua classe socioeconômica e, após a Revolução Industrial, os jogos foram

uma importante fonte de prazer. Dentre muitos dos que já eram praticados na Inglaterra, o futebol foi aquele com que a classe operária melhor se identificou.

O futebol, elemento comum em algumas escolas inglesas desde o século XVIII, era tido como um jogo muito violento, sendo, portanto, praticado para o alívio das tensões sociais. A sua brutalidade comum em outras épocas era reflexo da sociedade na qual era jogado, em que a força dos músculos e das armas era determinante para a prevalência de um argumento sobre outro. Contudo, como afirmam Elias e Dunning, a razão e a civilização prevaleceram sobre a emoção, sobretudo no que tange ao aspecto político em que a parlamentarização se faz o maior exemplo. Logo, a manutenção dos níveis elevados de tensão não era mais aceitável pela sociedade inglesa do final da primeira metade do século XIX, seja nas relações de trabalho, como a extinção do jacobinismo proletário demonstra, ou mesmo nas atividades de lazer, como o futebol pouco regulamentado e altamente violento se apresentava. Como resultado, entre os anos 1845 e 1862 o futebol passou a ser cada vez mais regulamentado até que, em 26 de outubro de 1863, surgiu a *Football Association* para organizar a prática desse desporto¹.

Nos finais de 1863 a incipiente Associação de Futebol dividiu-se porque a maioria propôs eliminar do jogo, totalmente, as caneladas enquanto uma minoria de membros fundadores, defendendo a perspectiva de que a abolição da canelada tornaria o jogo efeminado, opunha-se a isso. Este não foi o único, mas por certo, foi um dos principais pontos que conduziu ao desenvolvimento em Inglaterra de dois tipos de futebol: o football association ou futebol, por um lado, e o rãguebi futebol ou rãguebi, por outro. Interessante notar que mesmo no jogo de rãguebi, embora o nível geral de violência permaneça, de algum modo mais elevado do que o futebol, também a canelada foi banida não muito tempo depois de a ruptura ter ocorrido. (ELIAS e DUNNING, 1985, p.277-278)

No ano seguinte, o jornal *The Field* já definia o futebol como uma etapa para a preparação dos governantes, confirmando o caráter educativo que sua prática, regulamentada, teria para a população inglesa. Inicialmente seu público foi a classe média alta, mas logo a classe média baixa e o proletariado o abraçou, haja vista a fundação de times de fábricas na Inglaterra a partir da década de 1870 (West Ham – indústria siderúrgica-, Manchester United – indústria ferroviária - e Arsenal – indústria armamentista). A profissionalização do jogo na década de 1880 foi apenas mais um passo no sentido de confirmar a inclusão das classes baixas nesse esporte, que fazia dele também um meio de sobrevivência.

¹ O desporto a que essa parte se refere pode ser conceituado como “atividade organizada, centrada num confronto entre, pelo menos, duas partes. Exige esforços físicos de certo típico e é disputado de acordo com as regras conhecidas, incluindo, onde se revelar apropriado, regras que definem os limites autorizados de força física” (ELIAS e DUNNING, 1985, p.57).

A regulação do futebol atendeu perfeitamente as necessidades daquela época em que o mesmo passara a ser praticado pelas classes operárias de forma ostensiva. Com a mudança dos padrões de lazer e de férias desses indivíduos, o futebol ganhou o status de símbolo da classe operária antes do final do século XIX e, ainda que tenha só atingido “sua consagração com a presença do rei ao jogo final do campeonato a partir de 1913” (HOBSBAWN, 2000, p.289), ele estava oficialmente instituído como nós o conhecemos hoje.

1.1 A chegada e os primeiros chutes do futebol no Brasil

A expansão do capital e da tecnologia britânica para o restante do mundo não se deu de forma igual em todas as regiões, mas alcançou os países ocidentais de tal maneira que até hoje é possível identificar suas marcas. A mudança na forma de realizar investimentos, pela qual a concessão de empréstimos foi substituída pela chegada da tecnologia e de parte da mão de obra inglesa nos países ainda não industrializados, foi a maneira mais segura de o capital aplicado gerar o retorno esperado sem ficar exposto a tantos riscos de inadimplência como os empréstimos proporcionavam.

Assim, muitos ingleses saíram de sua terra natal, arrefecendo a pressão social que o mercado de trabalho saturado da Inglaterra provocara a partir da década de 1840, e levaram seus conhecimentos industriais para o restante do mundo. Os países da Europa foram os primeiros a recebê-los graças à proximidade geográfica e cultural. Em razão desta, aliás, os Estados Unidos da América, que apesar de ex-colônia foi o maior polo de investimento inglês no Novo Mundo durante o século XIX, também contou com grande contribuição de mão de obra britânica. O Brasil, por sua vez, não ficou atrás e teve importante participação dos representantes da terra da rainha nos seus empreendimentos durante o mesmo período.

Richard Graham, na obra *Grã-Bretanha e o início da modernização no Brasil*, afirma que o número de ingleses residentes no Rio de Janeiro em 1890 era de 1.344 pessoas, as quais, segundo o autor, tiveram uma influência “muito maior nos brasileiros de classe mais humilde, que progrediam e ansiavam por se identificar com estes embaixadores do mundo moderno” (GRAHAM, 1973, p.125) do que com a aristocracia brasileira propriamente dita. Contudo, até mesmo para os mais abastados, a Inglaterra era importante para os negócios e conhecer a sua cultura, como o idioma inglês, por exemplo, se mostrava essencial.

O tipo predominante de inglês que chegou ao Brasil não era o do indivíduo paupérrimo que saiu de seu país desesperado para ganhar a vida em outras terras. Diferentemente do português que colonizara essas terras no início de 1500, o qual se caracterizara por ser um homem rude e sem chance de sucesso em Portugal, o imigrante inglês era detentor do conhecimento tecnológico responsável por desenvolver as atividades industriais e vinha ao Brasil para executar essas funções na construção de ferrovias e outros negócios dos setores secundário e terciário.

Ajudando a fazer estradas de ferro pelas principais cidades brasileiras e também dando segurança aos transportes marítimos (vide a grande importância que a marinha britânica exercia na época como, por exemplo, com a apreensão de navios negreiros como já era perceptível desde o início do século XIX, ou com a escolta realizada na transferência da Corte Real Portuguesa para o Brasil), os ingleses foram modificando não só o cenário modal nacional, mas também os hábitos culturais. É impossível negar a influência que o Império Britânico exercia na sociedade mundial.

Um fator importante para a transmissão cultural é a hegemonia ideológica que o influenciador tem sobre o influenciado. O trabalhador inglês ocupou, com a sua chegada, um posto intermediário dentro da nova estrutura social que se formava no Brasil, mas que ainda era predominantemente agrícola e escravista, apesar de apresentar uma economia fabril e de serviços para abastecer o setor cafeeiro como podemos verificar pela construção das ferrovias. Não obstante, ele era tido como o mais civilizado e desenvolvido, cujas práticas, além de serem admiradas, deveriam também ser imitadas, como é possível observar na Fabrica de Tecidos Bangu, no final do século XIX, ou até mesmo em outros momentos da vida urbana.

As ferrovias eram mais do que um simples investimento, elas eram o tipo de negócio ideal para dar vazão ao capital inglês que não mais encontrava retorno na Inglaterra e na Europa já repletas de trilhos e de produtos industriais. Assim, a oferta encontrava a demanda.

Isso, porém, não significa que foi somente com a chegada dos ingleses que o cabedal intelectual da Inglaterra veio para o Brasil. Muitos descendentes de britânicos ou ainda apenas filhos de brasileiros com maior poder aquisitivo se dirigiam à Europa em busca de instrução e voltavam com muitos hábitos dessas localidades. Os dois principais expoentes da introdução do futebol no Brasil são exemplos desse processo.

Charles Miller nasceu em São Paulo no ano de 1874. Filho de mãe brasileira e pai escocês foi estudar na Inglaterra, mais precisamente em Southampton, ainda criança. Nesta cidade, Miller descobriu o prazer de praticar aquele que seria o maior esporte do planeta no século seguinte e trouxe equipamentos e regras para jogá-lo no Brasil. A essa época, Southampton já era considerada uma região de “classes operárias” e o futebol, o jogo típico desses trabalhadores, razão pela qual podemos dizer que Miller trouxe para sua terra natal uma parte importante da cultura proletária inglesa.

Mas Miller não foi o único a trazer o futebol da Europa para o Brasil. Além dele e dos muitos europeus que vinham para cá no século XIX, Oscar Cox, considerado o introdutor do futebol no Rio de Janeiro, estudou na Escócia e de lá trouxe bolas de futebol e outros materiais para também se exercitar por meio deste esporte.

A despeito das ações de Cox e Miller, é sabido que “alguns colégios confessionais e laicos de São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul praticavam futebol desde a década 1880” (FRANCO JÚNIOR, 2007, p.62). Desse modo, podemos dizer que o futebol se iniciou no Brasil sem ter um difusor único.

1.2 Uma visão da Capital Federal

O Rio de Janeiro sofreu uma drástica mudança na virada do século XIX para o XX. A mudança no regime político foi apenas mais um sinal de que muitos outros aspectos estruturais da sociedade estavam se transformando. A mudança do trabalho escravo para o livre, por exemplo, instituiu novas relações laborais e ampliou o mercado consumidor na cidade dando espaços ao surgimento de novos negócios dissociados do campo. Os setores de comércio e serviços foram os mais beneficiados e, juntamente com a nascente indústria de bens de consumo, se tornaram importantes polos atrativos de empregos.

O setor de transportes, por exemplo, ganhou muita força no Distrito Federal. Na verdade, já durante o Império o porto do Rio de Janeiro era uma importante área de escoamento para a produção cafeeira. No século XX, a região portuária e muitas outras regiões da cidade foram dinamizadas, marcando os novos tempos e exigindo adaptações. “No que se refere ao Centro e as suas adjacências, incluindo a zona portuária, tratava-se de dar vazão ao crescente tráfego urbano incompatível com a estrutura física da cidade” (BENCHIMOL, 1992, p.236).

Essas modificações eram necessárias, pois o Rio de Janeiro aumentava de tamanho e possuía uma população no início do século passado estimada em mais de 500 mil pessoas. A estrutura da cidade “não correspondia às do capital, no que concernia ao volume, à composição e à velocidade de importação-exportação de mercadorias” (BENCHIMOL, 1992, p.239) e trabalhadores. A saída foi “rasgar” a cidade em suas áreas mais vulneráveis, provocando a saída dos indivíduos que ali residiam para outras localidades, sem que ficassem longe do centro, pois era neste local que estavam as melhores oportunidades de trabalho. Assim, os subúrbios foram os “refúgios dos infelizes”, como dizia Lima Barreto em sua obra intitulada *Clara dos Anjos*. Obviamente que o crescimento dessas regiões não se deu apenas com os erradicados das Reformas Urbanas capitaneadas pelo prefeito Pereira Passos, pois muitos imigrantes que aqui chegavam preferiram ir para os subúrbios ao invés de tentar ganhar a vida no Centro da cidade. Comércio foram formados em Madureira, Queimados, Cascadura, Méier e São Cristovão e empregaram muita gente, dando-lhes condições de sobrevivência. Para aqueles que mantinham seus empregos no Centro e podiam arcar com o transporte, havia o trem para levá-los e trazê-los.

A Reforma de Pereira Passos deixou os bairros do centro para a produção e circulação de mercadoria e capital, enquanto os novos bairros da zona sul ficaram para os ricos e os novos bairros do subúrbio, para os pobres. O Centro era extremamente importante para a sobrevivência de muitos homens e mulheres pobres, porque era dali que saíam as demandas diárias de serviços que davam condições para sua sobrevivência. É importante esclarecer que nesse período não estamos falando da existência de relações jurídicas de labor seguras como atualmente: os trabalhos eram obtidos diariamente para os que não tinham profissões qualificadas (por profissões qualificadas entendam-se atividades como as de engenheiros e servidores públicos, que requeriam o preenchimento de alguns requisitos mínimos e que não estavam ao alcance de todos).

Em razão do baixo poder aquisitivo desses indivíduos, suas habitações eram concentradas no menor espaço possível, haja vista a valorização imobiliária do período, o que provocou o surgimento dos famigerados cortiços. Não obstante, as demolições dessas habitações pela Cidade não só significaram a expulsão dessas pessoas para os subúrbios, como também deu grande impulso ao fenômeno atual da favelização, por meio da ocupação dos morros ali existentes.

1.3 A importância da educação física

Não temos a intenção de precisar como e nem quando o futebol chegou ao Rio de Janeiro. Seja por meio de Oscar Cox, de trabalhadores ingleses ou de qualquer outra nacionalidade o fato é que esse esporte estava presente na Capital Federal já no século XIX e teve um grande desenvolvimento no século seguinte.

Apesar disso, é preciso entender o progresso do futebol dentro do crescimento dos esportes e das demais transformações que os circundam. No caso do esporte bretão, essa análise perpassa pela valorização da educação física de uma maneira geral, antes mais como uma questão de saúde do que propriamente estética, e pelas transformações políticas, sociais, econômicas e, principalmente, culturais que incidiam sobre o Brasil neste período.

A educação física ganha com a República um respeito maior do que recebia no período Imperial. Para a formação das almas dos novos cidadãos, era também preciso proceder à modelação de seu corpo e reforçar o sentimento de nacionalidade.

Se um systema geral de educação, que dando à nossa nacionalidade uma coesão mais forte e com ella um alto nível de justiça, de moralidade e pretígeo e viesse a se o fator consciente de uma grandeza que qualquer que sejam as desilusões das nossas almas patriotas e a descrença de nosso espírito de cidadão, quase nos é dado não preconceber à nossa pátria. De uma tal educação é parte integrante e indispensável a educação physica. (Jornal do Brasil, em 30/11/1891).

Acreditava-se que o turfe não permitia melhorar o condicionamento físico, já tão combalido pela escravidão, o clima quente e a falta de lutas civis que a perniciosa política brasileira insiste em evitar. Ele levaria “à commodidade perniciosa do jogo, de dissipação e de um falso luxo” (Jornal do Brasil, em 30/11/1891). Esse é um cenário ruim para o Brasil do final do século XIX, já que é de conhecimento notório que tanto “na lucta cruenta da guerra, como na lucta pacifica da industria, a victoria caberia ao povo physicamente mais forte” (Jornal do Brasil, em 30/11/1891), mas àqueles que veem apenas o sentido comercial do esporte (como, por exemplo, os que se concentram apenas nas apostas e venda de bilhetes), isso não importa.

O vigor e a resistência física, tão comuns em chefes de Estado Europeus (Alemanha, Rússia, Inglaterra, França – onde, por exemplo, o ex presidente Casimir Perier foi um praticante do futebol, segundo o Gazeta de Notícias, em 16/08/1898) são frutos de uma rigorosa educação física desde a infância. Os poucos colégios brasileiros que a época tinham ginástica o faziam uma vez por semana, enquanto o ideal era que

“seus exercícios sejam diários, repetidos e logicamente progressivos” (Jornal do Brasil, em 30/11/1891). Ginástica, esgrima, canoagem ou corridas a pé não eram estimuladas, assim como também não o eram os esportes estrangeiros dentre os quais estão futebol e o críquete, por exemplo. “Os parques e jardins são abandonados ou apenas frequentados por vagabundos ou viciados, ninguém anda a pé, todos se furtão aos exercícios, e a rua do Ouvidor, estreita, quente, abafada, quase lóbrega, basta” (Jornal do Brasil, em 30/11/1891).

Esportes como a canoagem, o yatching e o alpinismo tinham estímulos naturais da enseada de Botafogo e das montanhas que cercavam a Capital Federal. Só lhes faltava o estímulo de serem explorados por meio do esforço humano.

A mim parece-me que esta regeneração physica, este renascimento physico, como lhe chamou Dr. Daryl, fallando da França, devia partir da mocidade das escolas superiores, da qual quaisquer que sejam os seus e desfallecimentos, somente é dado esperar quiça alguma cousa. Ella é que poderia organizar clubs voltados à prática desses exercícios, adquirir embarcações e praticar a canoagem, fazer esgrima e longas caminhadas, e dar-se a todos os exercícios verdadeiramente vivis: o tiro ao alvo, a gymnastica, os jogos athleticos, a equitação, o alpinismo. (Jornal do Brasil, em 30/11/1891).

Neste sentido, já no nascer da República, não eram apenas os esportes aquáticos motivos de elogio para o progresso físico da nação. Sob a influência do movimento que se observava na Europa, o futebol começa a aparecer como um das opções para um desenvolvimento salutar do corpo humano. Ao passo que “ganha terreno em França a magna questão dos exercícios physicos da mocidade [por meio da pratica do football], especialidade que parecia até pouco privilegio da Inglaterra e da Allemanha. Quando os teremos n’este nosso caro Brazil?” (Jornal do Brasil, em 31/03/1891), se pergunta um dos redatores do jornal do Brasil no final do século XIX.

Capítulo 2 – O surgimento do esporte moderno no Brasil

Emília Viotti da Costa, em *Da Monarquia à República: Momentos Decisivos*, afirma que durante o longo reinado de D. Pedro II (1840 – 1889), ocorreram profundas mudanças na sociedade brasileira, como a introdução das ferrovias e dos barcos a vapor, a extinção do trabalho escravo e a diversificação da economia brasileira. Para a autora, essas modificações criaram, por conseguinte, novos interesses no Brasil diferentes dos tradicionais até então prevalentes.

O enfraquecimento desses grupos tradicionais, ante a ascensão de novos indivíduos e a intensa circulação social, foi determinante para abalar as bases da Monarquia e permitir a instauração de um novo regime político: a República.

Assim como a mudança política não constitui um ato fugaz, mas sim a consequência de uma série de mudanças verificadas com mais intensidade a partir dos anos 1870, os hábitos sociais também foram transformados nesse percurso. Se até a última década do século XIX, um jovem de boa família brasileira não dava muita atenção aos esportes e exercícios físicos, em meados de 1880, e principalmente a partir de 1890, vários esportes ingleses foram introduzidos de maneira exitosa, dos quais o mais popular foi o futebol.

2.1 O Lazer

Etimologicamente, a palavra lazer vem do latim *licere* e significa “ser permitido”. “A palavra expressa o estado no qual era permitido a qualquer um fazer qualquer coisa” (PRIORE in: MARZANO e ANDRADE, 2010, p.17).

Inicialmente, as atividades de lazer se misturavam as obrigações diárias, pois era comum no Brasil a prática da boa conversação durante o trabalho, seja este o das lavadeiras na beira do rio, das negociações nos mercados das cidades ou mesmo durante os serviços agrícolas.

Mas além do diálogo, os jogos também já estavam presentes desde o século XVI, como a pesquisa de Algranti identificou com base na análise de inventários e testamentos do período: baralhos, tabuleiros de xadrez e gamão eram mais comuns do que podemos imaginar.

Os jogos estavam na moda: o bilhar desde o século XVI. Os dados – que tiveram início com gregos e romanos – a partir de então se disseminaram. Produzidos na Europa e exportados para as Américas, os baralhos, com vivas pinturas, se tornaram uma febre. Presentes nas casas de família ou em espaços públicos, não poucas vezes suscitavam brigas, “indignações, execrações, perjúrios e escândalos do povo”. Por isso mesmo as chamadas “taboagens” eram proibidas a eclesiásticos ou seculares, sob pena de pagamento de mil réis. Em domingos e dias de festa, só eram facultadas depois da missa ou dos demais ofícios para evitar tensões no dia santo. Cabia às justiças seculares perseguir as “casas de jogo públicas”, informam-nos as Constituições do Arcebispado da Bahia, leis aplicadas na Colônia, desde 1707. (PRIORE in: MARZANO e ANDRADE, 2010, p.22).

Nem mesmo os escravos estavam totalmente alheios a esses momentos, já que era possível misturar momentos de lazer às atividades laborais, como, por exemplo, ao utilizar “instrumentos da profissão para fazer música: o chocalho como apanhamento de peças pesadas era comum” (PRIORE in: MARZANO e ANDRADE, 2010, p.28). Mary C. Karash, por sua vez, chega a destacar que os escravos cantavam em todas as ocasiões improvisando palmas e vozes.

O século XIX marca uma mudança na maneira de divertir-se. A influência francesa também é muito marcante neste período, tanto que o Rio de Janeiro se contagiou por imitação e, nos diferentes bairros, “proliferavam Sociedades com títulos preciosos: Vestal, Sífide, Ulisseia” (PRIORE in: MARZANO e ANDRADE, 2010, p.43).

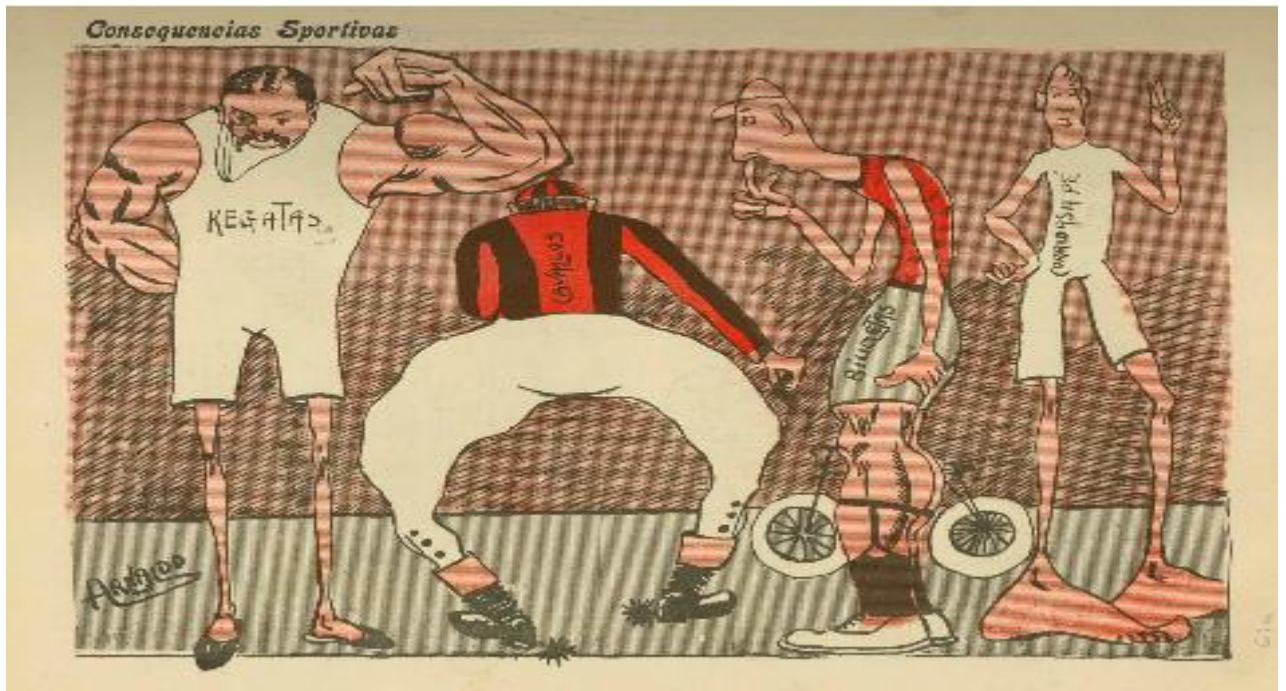
A essa altura o lazer já se tornara sinônimo de distração, tanto que os banhos de mar terapêuticos provocaram um verdadeiro renascimento das praias que, algum tempo depois, seria importante para o crescimento do remo.

2.2 O esporte no Rio de Janeiro

A virada do século XIX para o XX não apenas foi uma modificação cronológica, assim como as Reformas de Pereira não só modificaram o aspecto estético do Rio de Janeiro. Ambos os processos trouxeram transformações sociais e culturais que culminaram, dentre outros efeitos, no tratamento de práticas de lazer em esporte.

A política higienista desenvolvida por Pereira Passos modificou a percepção estética do corpo dos brasileiros e a valorização do que seria útil para a manutenção da boa saúde. Se antes o homem magro e pálido era a aparência do brasileiro imperial, com o regime republicano as suas feições deveriam se tornar mais robustas, razão pela qual a prática de exercícios físicos foi valorizada. Essa mudança de opinião não se deu da noite

para o dia, conforme a charge abaixo comprova, mas foi abraçada pelas políticas públicas do nosso Haussman tropical.



(Fonte: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/omalho/revista.asp?rev=67&ano=1903>)

Acessado em 07/03/2014, às 13h14min apud PEREIRA, 2000, p.48)

Segundo Leonardo Pereira:

A imagem, tratando do remo, do turf, do ciclismo e do pedestrianismo, reafirma a proliferação das associações esportivas na cidade; a ironia sobre os supostos benefícios que eles trariam ao corpo aparece, no entanto, de forma evidente: longe de gerar indivíduos mais robustos e saudáveis, os esportes simplesmente contribuiriam para sua deformação (PEREIRA, 2000, p.48).

Dentro desse cenário turbulento em que para alguns a boa saúde estava ligada às práticas esportistas, a elite do Rio de Janeiro abraçou os esportes aquáticos em detrimento dos esportes a cavalo, tão característicos do período imperial.

O turfe foi o esporte popular no Rio de Janeiro durante o reinado de D. Pedro II. Não era à toa, já que o principal meio de deslocamento da época era feito a cavalo. Contudo, com a proximidade do século XX e o desenvolvimento dos bondes elétricos nas cidades, a realidade de transportes equestres começou a ser ultrapassada.

Devemos também compreender o desenvolvimento do remo, em relação ao turfe, já bastante organizado e popular desde os anos 1880, no contexto de mudanças no próprio âmbito das camadas dominantes. O remo carrega em seu interior características mais próximas às valorizadas por uma

camada/cultura burguesa em formação, se comparadas com o eminente caráter aristocrático do turfe.

Se a popularização do turfe já significou um avanço na estrutura social carioca, o remo incorpora perfeitamente a modernidade da virada do século. O moderno tinha relação com o indivíduo desafiador, audaz, conquistador, vencedor. Não se tratava mais de colocar cavalos para correr, mas sim de participar mais ativamente, demonstrando no próprio corpo saudável e forte os sinais de um novo país; de incorporar efetivamente um novo estilo de vida adequado à velocidade dos novos tempos.

O remo é o esporte do “exercício physico”, termo-chave sempre usado pelos que defendiam e propagavam os benefícios dessa prática. É o esporte da saúde, do desafio – contra o outro e contra o mar - que educa o músculo e a moral. É a prática adequada a uma juventude ativa, forte e com “liberdade de espírito” suficiente para conduzir a nação ao progresso necessário. (MELLO, 2006, p. 8-9).

É, por questões geográficas, que a Zona Sul do Rio de Janeiro recebe esse novo esporte; e, por questões socioeconômicas, que os indivíduos de maior poder aquisitivo são seus primeiros adeptos.

A virada do século XIX para o XX também trouxe a ampliação dos clubes sociais, onde grupos se reuniam devido às relações de afinidade. No caso em questão, essa relação também está ligada às diversas percepções de identidade existentes e que se refletiram na fundação de associação e dos próprios clubes. Na verdade, grupos de indivíduos com traços de identidade comum que se juntam para a defesa de alguns interesses ocorrem desde tempos pretéritos. O historiador Claudio Batalha, por sua vez, dá grande ênfase às sociedades de socorro mútuo, que, segundo ele, após 1824 “tinham por objetivo algo mais do que o socorros dos seus associados que servia de justificativa para sua existência; seu objetivo era a defesa profissional” (BATALHA, 1999, p.53). Um exemplo dessa identificação fica por conta da Sociedade Beneficente das Artes e Benefícios, fundada em 1835, para o melhoramento das artes (entenda-se por artesanato) e prover de benefícios seus associados e familiares. Importante dizer que, “o mutualismo não era uma exclusividade de trabalhadores. Havia, por exemplo, sociedades de auxílios mútuos com base na origem nacional” (BATALHA, 1999, p.59) e que, conseqüentemente, foi levada para o desenvolvimento dos esportes e a sua vinculação a determinados grupos como podemos perceber pela ligação do futebol com a colônia inglesa.

Em 1875, por exemplo, 14 anos antes de o fim da Monarquia e 27 antes da chegada de Pereira Passos à prefeitura da Capital Federal, já era possível identificar a existência de práticas esportivas promovidas por clubes. O jornal Gazeta de Notícias,

inaugurado naquele ano, trouxe em sua 18ª edição no dia 19 de agosto de 1875 o seguinte anúncio:

The image is a screenshot of a web browser displaying a document from the Fundação Biblioteca Nacional. The browser's address bar shows the URL: [memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=103730_01&pasta=ano 1878&pesq=Club](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=103730_01&pasta=ano%201878&pesq=Club). The document is a newspaper page with several advertisements. The central advertisement is for the "CLUB DE REGATAS GUANABARENSE" and is titled "REGATA NA ENSEADA DE BOTA-FOGO EM 20 DE AGOSTO ÀS 3 HORAS DA TARDE." The text of this advertisement reads: "Na secretaria do club, rua do Ouvidor n. 109, acha-se aberta a inscrição para todas as embarcações a remos, tripoladas por amadores ou profissionais que queiram tomar parte na corrida. A inscrição encerrar-se-ha irrevogavelmente no dia 21 do corrente. Todos os esclarecimentos serão dados na secretaria do club, todos os dias, das 6 horas da tarde em diante. Secretaria, 18 de Agosto de 1875.-- *Silva Taylor*, secretario." To the left of this advertisement is a vertical text block mentioning "H. Laemmert, RIO FICCO DA TAMENTO de 1874. DICTO OTTONI EITO os decretos que ndo o regula-modelos para de 202 pags. HIA S & IRMÃO DE". To the right is an advertisement for "MOVEIS" (furniture) with the text: "vendem-se, alugam-se, trocam-se prun-se, fazendo vantagem em q dos negocios; á rua da Alfandega placa, taboleta da E'tagère." Below the "CLUB DE REGATAS" ad is another ad for "TINTAS DE MONTEIRO" (Monteiro's inks) and "DEPOSITO" (deposits), which includes an illustration of a chair. The browser's taskbar at the bottom shows various open applications like "Comissão de Valores...", "Inbox - Microsoft Outl...", "Hemeroteca Digital Br...", "Monografia", "Cap. II - Microsoft Word", and the document viewer itself.

(Fonte: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=103730_01&pasta=ano%201878&pesq=Club Acessado em 19 de dezembro de 2013, às 15h12min.)

Em anúncio posterior, na 27ª edição publicada no dia 27 de agosto de 1875, é dada a informação de que os “bilhetes de archibancada para as Exmas. famílias dos sócios, vendem-se na rua do Ouvidor n.72, assim como o de archibancada geral”. Não obstante, isso não significa que os sócios, que já pagavam mensalidade, também deveriam comprar ingressos para o evento. Para eles, bastava se dirigirem a secretária do clube e retirar seus cartões.

A existência desse tipo de agremiação no século XIX só corrobora a ideia de que pessoas com interesses em comum costumavam se reunir para compartilhar ideias e práticas esportivas semelhantes. No caso do Club de Regatas Guanabareense, que fora fundado em 1874, percebemos a identificação de indivíduos com as atividades náuticas, mais especificamente o remo.

O remo só se tornou a principal atividade do Rio de Janeiro na transição século XIX para o XX, mas o surgimento de clubes para a sua prática data desde 1862, quando o “grupo Regata e o British Rowing Club, este último de formação eminentemente inglesa” (MELLO, 2001, p.52) já davam os primeiros passos. Antes, o esporte que atraía multidões na Capital Federal era o turfe.

103730_01 - DocReader LIGHT - Mozilla Firefox
 memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=103730_01&pasta=ano 1878&pesq=Club

Gazeta de Notícias - 1875 a 1879 - PR_SPR_02764_103730

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL

Club

Pesquisar Ocorrências: 2545 3/3 Edição 00037

3/4

1875. — J. M. Mafrá Junior.

AVISOS MARÍTIMOS

LINHA DE PAQUETES
 ENTRE HAMBURGO E A AMÉRICA DO SUL
 • pacote alemão
BAHIA
 esperado do sul até o dia 10 do corrente, sahirá para
BAHIA LISBOA E HAMBURGO

Jockey Club
 Grandes corridas no Prado Fluminense no dia 8 de setembro ao meio dia, honradas com a augusta presença de Suas Magestades.
 Os cartões dos socios entregam-se á rua do Ouvidor n. 81. Os demais cartões de entrada vendem-se á rua do Ouvidor n. 81, Ourives n. 72, Lampadosa n. 10 e Alfandega n. 11.
 As inscrições fecham-se no dia 6 de Setembro ás 2 horas da tarde.—O 1º secretario, Henrique Germack Possollo.

BANCO COMMERCIAL
 DE

Mó Fina
 FELIZ LEMBRANÇA
 o real:
 Portugal... 199
 as Ilhas... 161
 a Hespanha... 1,900
 a França... 346
 a Italia... 341
 Londres... 29 3/4
 o barato !...
 Ora o Lopez...

Casamento
 no dia 2 do corrente, ás 7 oite, na igreja dos Capuchinos do Castello), o Illm. Sr. Rosé Gonçalves com a Exma. Elmira Ferreira dos Santos. Irminhos o Sr. M. R. Pinheiro t., senhora.

nas ruas:
 Duque de Caxi
 Visconde de Ab
 Torres-Homem,
 selheiro Nabuco.
 Estes terrenos
 agua potavel, não
 nem laudemios, e
 são em tudo favo
 pradores.
 Os lotes estão d
 conforme a planta
 Os bonds da c
 da Villa-Izabel,
 hora do dia, nest
 diminuto, são o i
 pessoas que, des
 s gurança seus c
 fazer aquisição é
 nos para edificar.
 A's 10 horas
 bond especial pa
 passageiros, grati
 ser procurados á
 escriptorio do anu
 N. B.— Todos

Iniciar Comissõ de Valo... Inbox - Microsoft... Lance Activol - Ri... Monografia Cap. II - Microsof... 103730_01 - D... Anuncio de Regat... 15:30

(Fonte: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=103730_01&pasta=ano%201878&pesq=Club Acessado em 19/12/2013 às 15h39min.)

No dia em que se comemorava 53 anos da proclamação da independência do Brasil, o jornal Gazeta de Notícias divulgou um anúncio sobre grandes corridas a serem realizadas no dia 8 de setembro de 1875 (domingo). Assim como para as regatas, os clubes turfe também disponibilizavam ingressos para suas competições a um público que ia além de seus associados, pois cabia a uma dessas entidades organizar o evento e estendê-lo a todos aqueles que se julgassem aptos a participar dele. Entretanto, o esporte a cavalo tinha como vantagem a presença ilustre de suas Majestades, o que denota apoio do Estado a essa prática predominantemente associada à aristocracia imperial.

Durante a década de 1870, o transporte na Capital ainda era predominantemente feito a base de tração animal, pois o primeiro bonde elétrico na cidade só foi inaugurado

em 1892. Neste sentido, homens, cavalos, bois e burros circulavam pelas principais ruas realizando o traslado de pessoas e mercadorias.

Era natural, portanto, que o esporte desenvolvido nesse período envolvesse elementos do cotidiano. O cavalo, por todo o glamour e utilidade que possuía, saiu na frente e, nos moldes do que ocorria na Europa, foi desenvolvido o turfe no Rio de Janeiro.

Voltando ao anúncio da Gazeta de Notícias, grandes corridas ocorreram no dia 08 de setembro de 1875 no Prado Fluminense, uma extensa área entre São Francisco Xavier e Benfica. “O dia tinha aparecido com cara de poucos amigos, sem chover nem fazer sol”, mas, como de costume, esperava-se no Prado Fluminense a reunião do “que ha (sic) de mais distinto e até o que há de mais indistincto” (Gazeta de Notícias, em 09/09/18975) da sociedade. O fato de o Gazeta explicitar essa diferenciação entre os indivíduos nos leva a pensar que a prática do turfe, se ante a dificuldade de aquisição e manutenção de um cavalo de raça que fosse competitivo era exclusiva dos homens de maior poder aquisitivo, a “assistência” das corridas podia comportar, já no século XIX, a presença de indivíduos não elitizados.

O relato do jornal sobre o evento em si aponta que “as corridas estiveram pouco animadas. Faltava-lhes o que quer que seja, um certo burburinho” que só foi notado “quando chegaram Suas Magestades Imperiaes” (Gazeta de Notícias, em 09/09/18975). A presença tão ilustre fez com que as apostas se movimentassem e trouxessem mais emoção às disputas.

A presença do Estado às práticas esportivas é um claro sinal do apreço e incentivo que tem nelas. O fato de o Imperador D. Pedro II comparecer as corridas de cavalo ajuda a popularizar esse esporte na sociedade brasileira imperial. Com a mudança de regime político e as modificações que a sociedade brasileira foi passando, o foco de apoio esportivo também mudou. As reformas urbanísticas capitaneadas por Pereira Passos traziam consigo a necessidade de adequar a cidade do Rio de Janeiro aos novos meios de transporte que ali estavam sendo implantados, ao mesmo tempo que o cavalo estava perdendo sua utilidade como o principal provedor dos traslados e substituído por outros veículos, dentre os quais se destaca o transporte sobre trilhos. Assim, o apoio estatal passou a ser direcionado para outras atividades esportivas que valorizassem o homem em sua plenitude.

A valorização do mar, enquanto ponto essencial para uma boa saúde, revitalizou a importância dadas às provas de regatas. Vimos acima que no terceiro quartel do século XIX elas já existiam e atraíam bom público, pois seus bilhetes de arquibancada eram comercializados. Nesse período, porém, sua Majestade Imperial assistia pessoalmente as corridas de turfe, principal esporte da época. No século XX, a maior autoridade da cidade do Rio de Janeiro também marcaria presença no esporte, mas seria assistindo às regatas que Francisco Pereira Passos, prefeito do município, ajudaria a popularizá-las.

Na 173ª edição de a Gazeta de Notícias (dia 22 de junho de 1903) consta a informação de que o digníssimo chefe do poder executivo municipal visitara o “Pavilhão da Federação Brasileira das Sociedades do Remo” durante “a festa realizada hontem [21 de setembro de 1903, domingo], na enseada de Botafogo, pelo Club de Regatas Guanabara”. O motivo da visita, segundo o jornal, foi avaliar a “conveniência de concertar o cães da praia de Botafogo, e da construção de uma ponte. Mas a promessa que mais deve encher de alegria o coração dos rowers, foi esta: a criação de um premio concedido ao club vencedor do campeonato” (Gazeta de Notícias, 22/06/1903).

A razão que levava o prefeito a realizar obras para o desenvolvimento das regatas pode ser entendida dentro do contexto de modernização da cidade do Rio de Janeiro que ele estava liderando:

Em uma cidade em pleno processo de reforma e saneamento incluir-se-iam a construção de instalações para remo nos projetos de intervenção urbana. Se a construção da Avenida Beira-Mar era uma de suas prioridades, nada como celebrar tal avenida simbólica com um divertimento moderno e civilizado como o remo. (MELLO, 2006, p.13)

2.3 Os *sportsmen* do Rio de Janeiro

A transição do século XIX para o século XX permitira a ascensão do remo em detrimento do turfe como o esporte mais famoso do Rio de Janeiro. Em ambas as atividades, porém, a primazia de sua prática cabia aos mais abastados economicamente.

A equitação, por exemplo, foi uma prática muito valorizada durante o período imperial, com direito até a presença de Sua Majestade às corridas. Além de sua utilidade diária, o cavalo era para aquela sociedade o principal meio de se exercitar. Não obstante, isso não significa que os exercícios equestres fossem uma obsessão, logo, sua prática como esporte também o era moderada. As corridas de cavalo eram realizadas aos

domingos para não interromper o bom andamento dos negócios durante a semana. A alta sociedade praticava montaria com parcimônia, já que no último quarto do século XIX a utilidade da “gymnastica” ainda era discutida.

A equitação é um exercício extremamente salutar e benéfico, usado com moderação, porem, se um indivíduo, por paixão, se fizer centauro e passar a maior parte do tempo a cavallo, arriscar-se-ha muito a ter uma velhice prematura e a soffrer muitos outros incommodos. Não são indifferentes para os exercícios da equitação as horas do dia nem tampouco a maneira de conduzir o cavallo: póde-se passear a passo depois da comida, mas poderia ser prejudicial andar a trote ou a galope nesta ocasião, conquanto o galope e o meio galope causem menos abalo ao corpo, o sejam mais higiênicos que o trote, e constituam um excellente exercício para quando se não tem o estomago cheio. Os passeios a cavallo podem ajudar a convalescença, em muitos casos de febres graves e molestias prolongadas de que tenha resultado o enfraquecimento do organismo. A equitação offerece, nestes casos, vantagens evidentes, pois além de não fatigar as pernas não acelera a circulação nem torna o pulso frequente, como acontece nos exercícios de passeio a pé, da corrida, da dança e da esgrima. Em conclusão: é útil dar habitualmente um pequeno passeio a cavallo de vez em quando, mas nunca fazer de jockey ou estafete. (Diário de Notícias, 09/09/1870, Edição 53)

O Imperador parece compartilhar da ideia exposta no Diário de Notícias, pois era frequente vê-lo passear “a cavallo pela praia de Botafogo, Laranjeiras etc” (Diário de Notícias, em 23/08/1870). Durante esses passeios recebia cumprimentos das pessoas que por ele passavam, assim como também era ovacionado quando assistia às corridas no Prado Fluminense. Seja de uma ou de outra maneira, a equitação era uma atividade majoritariamente nobre no Rio de Janeiro do século XIX. O custo de aquisição e de manutenção de um cavalo era alto, ao ponto de “um bichino destes custando 84 contos de réis deve ser tratado como um príncipe poderoso” (Diário de Notícias, em 22/12/1870). Não obstante, ainda que as outras classes sociais cariocas estivessem afastadas da prática do jockey nas tradicionais corridas de domingo, eles ali estavam presentes imitando a elite ao assisti-las: afinal de contas, o que havia de mais distinto e indistinto na sociedade imperial apreciavam as corridas distinguidos pelas arquibancados de sócio e gerais.

Nas regatas essa realidade não mudara muito. Se até a transição dos anos 1880/1890 existia a possibilidade de membros das camadas populares participarem das competições como remadores, isso não durou por muito tempo e com o crescimento do esporte passou-se a exigir que os remadores fossem associados aos clubes, excluindo, portanto, as camadas populares.

Durante a década de 1870, já se pode observar a ocorrência de regatas na enseada de Botafogo. O mesmo jornal Gazeta de Notícias publicado em 19 de agosto de 1875, por exemplo, trazia o anúncio de que estavam abertas as “inscrição para todas as embarcações a remo, tripoladas por amadores ou profissionais que queiram tomar parte na corrida” a ser realizada no dia 29 de agosto (domingo), às 3 horas da tarde, em Botafogo. O evento, organizado pelo Club de Regatas Guanabareense, teve que ser realizado no dia 5 de setembro de 1875, pois na data original ocorreu uma forte chuva, “com a qual não é muito agradável tomar parte assistir a divertimentos dessa espécie” (Gazeta de Notícias, em 29/08/1875). As competições de remo, nessa época, ainda se mostravam abaixo do turfe, como fica claro pela aceitação tanto da participação de amadores quanto de profissionais, demonstrando não haver segurança em relação ao número de praticantes desse esporte.

Duas décadas depois, porém, o remo teve grande crescimento na preferência dos cariocas, estimulado pelas mudanças que aconteciam na cidade. Contudo, se faz mister destacar a importante atuação do Estado Brasileiro nessa valorização.

No 1º aniversário da proclamação da República (1890), ficou a “comissão de intendência municipal encarregada de organizar e dirigir os festejos do dia 15 de novembro” (Gazetas de Notícias, em 30/10/1890). Dentre as muitas atividades programadas para essa data festiva estavam as regatas, corridas a pé (atletismo) e a velocípedes (ciclismo). As regatas seriam disputadas apenas por meninos de 8 a 12 anos de idade, sendo os botes fornecidos pela comissão, haja vista o fato de alguém possuí-lo não ser tão comum. Em um período de consolidação de um novo regime político, medidas como essas eram um importante instrumento para sedimentar uma nova ideologia, mais próxima aos valores burgueses e positivistas da época.

Outro exemplo do uso do remo para a consolidação dos novos ideais e de valorização das forças militares até então no governo foram os festejos de 13 de junho de 1891, em comemoração “a grande data que recorda um dos mais gloriosos feitos da nossa marinha de guerra – a célebre batalha do Riachuelo” (Gazeta de Notícias, em 13/06/1891). Na oportunidade, uma grande festa foi protagonizada pelos aspirantes da Escola Naval que realizaram uma disputada corrida de regatas, a qual assistiram “grande numero de senhores e cavalheiros, os Srs. presidente da republica, ministros da agricultura e da marinha, ajudante general da armada e muitos officiaes de todos os postos da marinha” (Gazeta de Notícias, em 13/06/1891).

Não obstante, ainda no início da década de 1890 o simples apoio estatal, apesar de importante, não conseguira dar ao remo a popularidade que teria ao final desse decênio. Um fato comprobatório de tal ideia é a prorrogação da data de inscrição para uma corrida em homenagem ao cruzador Almirante Barroso. A regata estava marcada para o dia 8 de setembro daquele ano, mas a sua inscrição, que terminaria no dia 25 de agosto, foi transferida para o dia 27, em razão de a “inscrição para os diversos pares não tendo sido completa” (Gazeta de Notícias, em 25/08/1890).

Mas quando foi realizada, a regata foi um grande sucesso. “A esplendida enseada de Botafogo apresentava o mais lindo aspecto, em consequência dos inúmeros escolares e lanchas a vapor que singravam as ricas águas” (Gazeta de Notícias, em 09/09/1890). Não bastassem os artistas do espetáculo, estavam presentes também ao evento o “Sr. Generalíssimo chefe do governo provisório, sua família, seu secretario [d]e estado-maior” (Gazeta de Notícias, em 09/09/1890), alguns ministros do Peru e o almirante Wandekolk, que, juntamente ao “grande numero de senhoras e cavalheiros e em toda extensão do caes agglomera-se enorme massa do povo” (Gazeta de Notícias, em 09/09/1890) compunham o público do digníssimo evento.

As regatas não tinham apenas um significado político ou de lazer para a elite carioca. Elas eram também importante instrumento de ajuda mútua àqueles que faziam do mar sua profissão, pois como associação, os clubes que as organizavam eram compostos por indivíduos com interesses semelhantes - no caso dos clubes de regatas, esse interesse era o desejo de praticar e cultivar esse esporte.

O Club dos Nautas, instituição náutica criada em 1884 pelo capitão de fragata Luiz Philippe de Saldanha da Gama, traz em sua história um claro exemplo de ajuda a marinheiros em dificuldades. Segundo relato do jornal Gazeta de Notícias, logo após o trágico acidente do navio Solimões em maio de 1892, o distinto clube abriu “uma subscrição pública em pró das famílias dos naufragos – que a camara dos deputados, alias, em moção recomendou aos cuidados do poder executivo – e ella atingiu em pouco tempo uma importante somma” (Gazeta de Notícias, em 04/01/1893).

O naufrágio de Solimões foi um fato de enorme repercussão nas imprensa carioca, dada a grande dramaticidade feita pelos jornais da época em torno do caso, com destaque para os habitantes da Capital Federal. Solimões integrava a frota militar brasileira desde 1876 e foi adquirido pelo valor de 3 milhões de contos de réis. Nesse tempo, porém, a embarcação já apresentara problemas, pois “seus aparelhos não

offerecem segurança e há alguns anos, devem os leitores estar lembrados, em viagem que fez para o Sul, soffreu um desarranjo em uma das machinas e esteve muitos dias perdidos” (Gazeta de Notícias, em 22/05/1892). Portanto, as condições de navegabilidade do barco não eram das melhores, haja vista o grande número de “concertos e reformas tem-se tornado necessários” (Gazeta de Notícias, em 22/05/1892) ao ponto de se supor que o valor dos reparos já superava o gasto para sua aquisição.

Esses aspectos técnicos, porém, não tinham tanta repercussão para o grande público quanto o lamento pela perda “das preciosas existências desses officiaes e de todos os seus distinctos companheiros de infortúnio” (Gazeta de Notícias, em 22/05/1892). A deplorável desgraça que só permitira a sobrevivência de cinco dos seus mais de 150 tripulantes atingira também o capitão de embarcação, Sr. Fernando Xavier de Castro.

O Sr. capitão de mar e guerra Fernando Xavier de Castro era um distincto official de marinha. Há pouco, depois de promovido aquelle posto [Xavier de Castro havia sido nomeado a capitão do Solimões em fevereiro de 1892] deixou o commando do batalhão naval, para assumir o encouraçado Solimões, posição em que se viu colher a immensa desgraça que todos deploramos. Elle, porém, já conhecia de perto dos horrores do naufrágio; teve por baptismo na sua carreira de official de marinha o horrível sinistro da corveia D. Isabel nas costas de Marrocos. Fazia parte da officialidade d’esse navio de guerra com aspirante marinha e foi dos poucos que se salvaram. (Gazeta de Notícias, 27 de maio de 1892)

A sorte, porém, não sorriu duas vezes para o egrégio capitão e o “naufrágio nas pedras do Cabo Polonio, entre a Ilha Rasa e Ponta Negra” (Gazeta de Notícias, em 22/05/1892) ceifou-lhe a vida. Um forte nevoeiro teria sido o responsável por encobrir a visão do comandante, impedindo-o de desviar das pedras fatais. Seu nome, porém, não ficou escondido para a história, assim como sua mãe, que a época vivia no Ceará, mas ficou recebendo do Clube dos Nautas a mesma pensão que o finado filho lhe dava.

A preocupação com os dependentes dos marinheiros não parou por aí, estando refletido também na regata organizada para o dia 31 de julho de 1892 em que se fez um “valioso concurso do Grupo de Regatas do Club Guanabareense, em benefício das famílias das vitimas do naufrágio do monitor Solimões” (Gazeta de Notícias, em 23/07/1892). O evento atraiu grande público, ao ponto de a Companhia F. C. Jardim Botânico ter destinado “carros extraordinários”, entre o Largo do Machado e a praia de Botafogo, para atender a essa demanda.

A decisão da Companhia Bom Jardim, porém, não foi do agrado de toda a população carioca, afinal de contas o Rio de Janeiro na virada do século XIX para o XX

era uma cidade em expansão e recheadas de problemas, parte dos quais foram escancarados por um leitor do Gazeta de Notícias dias após a regata.

Em um texto do Gazeta de Noticias, publicado em 30 de julho de 1893, referente às companhias de bondes da cidade o prefeito Nicolau Joaquim Moreira é chamado para que tome “contas severas às companhias de bonds, pelo modo por que estão cumprindo os seus contractos, em prejuízo da commodidade e dos interesses respeitáveis do publico”. Além de considerar que as referidas empresas disponibilizam carros em número abaixo do necessário, eles não estão acessíveis a população “a certas horas da tarde”, se mostram frequentemente lotados, deixando “senhoras, crianças e velhos a implorar por caridade um logar”; suas estações são inseguras, haja vista a ocorrência de assaltos, bem como deixam “seus míseros habitantes a soffrer na rua e no largo as inclemências do tempo quando chove, porque a estação é um antro vergonhoso”. Na sequência, o autor faz uma crítica direta a Companhia Jardim Botânico por disponibilizar “bonds que do largo do Machado para a cidade exigiam 200 réis pela passagem, sob o pretexto fútil e ridículo de que eram conducções especiaes para as regatas de Botafogo. Abuso e extorsão injustificável”. A indignação do leitor quanto ao percurso especial, bem como o preço cobrado abusivamente (já que o valor normal das passagens era de 100 réis, metade do que estava sendo cobrado naquele dia) indicam, dentre muitas outras coisas, que o remo não era unanimidade entre a população carioca naquele período, porém já estava no gosto de um grande público capaz de receber um atendimento especial do transporte público.

A Capital Federal se expandia em meio a todos esses problemas. O remo, por sua vez, também crescia a olhos vistos. Se para a regata em homenagem aos familiares das vítimas do naufrágio de Solimões o preço da arquibancada foi de 2 mil de réis, em 1897, um ano antes de iniciar o primeiro campeonato de remo oficialmente reconhecido, esse valor já havia inflado em 50% e era estimado em 3 mil de réis. O valor que, apesar de elevado, era esporadicamente acessível aos trabalhadores.

Na última década do século XIX, época em que o remo iniciou sua hegemonia sobre o turf, um trabalhador comum, empregado no Jardim Botânico, por exemplo, recebia algo em torno de 75\$000, enquanto que um estafeta (entregador de cartas) ganhava em torno de 60\$000. As remunerações desses trabalhadores eram baixas, sobretudo em um período inflacionário como aquele de pós-Encilhamento, mas o preço do bilhete para assistir uma regata era apenas de 2,5% a 5% do que recebiam, logo, não

lhes era de todo inacessível, como comprova os relatos de que “em toda extensão do cães agglomera-se enorme massa do povo” (Gazeta de Notícias, em 09/09/1890). Afinal de contas, o homem precisava comer e se divertir.

Contudo, a hegemonia do remo deve muito a ação “de um grupo de rapazes de boa vontade que conseguiram a união dos clubs de regatas” (Gazeta de Notícias, em 12/09/1893). Assim, “a União de Regatas Fluminense inicia brilhantemente a sua carreira, dando uma regata na enseada de Botafogo” (Gazeta de Notícias, em 12/09/1893) em 13 de outubro de 1895. Quase um ano e meio depois de encerrada a Revolta da Armada, a Baía de Guanabara voltava a ser cenário de batalha, mas agora pela hegemonia do remo no Estado do Rio de Janeiro. Para esse evento, a Companhia Ferro Carril Jardim Botânico disponibilizou carros especiais, haja vista a demanda que era esperada para a localidade. As lojas dos mais variados produtos também buscaram tirar proveito desse sucesso, tal qual a Casa de Baptista, que afirmava em propaganda que “toda moça bonita não vai domingo às regatas sem ir” (Gazeta de Notícias, em 12/10/1895) até lá e comprar “os pentinhos dourados para os lados, na moda, único que tem o maior e variado sortimento neste gênero” (Gazeta de Notícias, em 12/10/1895).

O pioneirismo da União de Regatas Fluminense estava em trazer para si a responsabilidade de organizar competições de remo, em vez permitir que elas fossem separadamente organizadas pelos clubes criados até então. Essa ação, aliada ao sucesso e incentivo que o esporte recebia na época, culminaria na criação do que hoje é considerado o primeiro torneio de regatas do estado do Rio de Janeiro, em 1898.

No dia 05 de junho de 1898 foi realizada na enseada de Botafogo “grande regata”. O Campeonato que ali foi feito despertou a atenção de importante parcela da população carioca que apreciava esse esporte e cuja “animação crescia á proporção que se aproximava o momento de começar o grande certamen” (Gazeta de Notícias, em 06/06/1898). Dos 9 pareos realizados o mais aguardado foi a 5ª etapa chamada de *Campeonato*, no qual, por 1600 metros, as embarcações Alpha, do Club de Gragoatá, e Marina, do club Icarahy, travaram belíssima disputa, cabendo, ao final, o título de primeira campeã carioca de remo ao Club de Gragoatá. Prudente de Moraes, presidente da República a época, chegou com sua “Exma. Família” durante o 4º pareo a bordo do “hiate Silva Jardim, trazendo a insígnia de chefe de Estado” (Gazeta de Notícias, em 06/06/1898) e todo o status elitista que um evento daquele porte produzia.

Ao final do dia “como não há bem que dure para sempre, acabaram as regatas, e toda aquela gente que horas antes partia para o campo de lucta cheia de alegria, voltava agora triste e merencoria, não porque tivesse havido mortos e feridos, mas porque a festa tinha acabado” (Gazeta de Notícias, em 06/06/1898).

Na mesma edição em que Gazeta descrevia o sucesso da regata também informava que no Jockey Club “a concorrência não foi grande, é certo, mas o movimento da casa da poule (sic) que é o pendulo que regula a felicidade das corridas, foi relativamente grande”. As apostas seriam o elemento que caracterizariam as corridas a cavalo até os dias de hoje, mas não seriam suficientes para competir com o remo, pois com o turfe “o que a multidão via não era a regeneração e o aperfeiçoamento da raça humana, era o palpite, era o azar (...) era a sedução mais empolgante do mais diabólico de todos os vícios”.

Assim, o Estado brasileiro moderno incentivou o remo. Segundo Victor Andrade de Mello,

Nesse processo de desenvolvimento, o ano de 1903 é de grande importância por diversos motivos: a) a Federação Brasileira de Sociedades de Remo, instituição que deu continuidade e aperfeiçoou a atuação da União de Regatas Fluminense, se tornou mais organizada e visível, sendo inclusive reconhecida pela Federação Internacional como representante legítima do remo brasileiro; b) começaram a ser desenvolvidas iniciativas de preservação da memória do remo, no sentido de celebrar o “glorioso passado” desse esporte no Brasil; c) são identificáveis iniciativas diversas de vulgarização do esporte, como colunas em jornais e revistas e a criação de periódicos específicos; d) percebe-se um acirramento da utilização do esporte como forma de propaganda por empresas da época, o que causava muitas polêmicas, afinal as instituições de remo constantemente reforçavam sua opção pelo amadorismo; e e) identifica-se o início de uma relação mais próxima com as estruturas governamentais. (MELLO, 2006, p.10)

As reformas de Pereira Passos encontraram um grande apoio ideológico no remo, que se tornou o principal esporte carioca no início do século XX. Não obstante, outra forma de lazer também se desenvolvia nesse período e anos depois se tornaria o favorito dos *sportsmen* e dos homens pobres no Rio de Janeiro e do restante do Brasil: o futebol.

Capítulo 3 – A popularização do futebol

O futebol era considerado uma maneira moderna de praticar educação física, pois esse esporte era considerado o que melhor ajuda na robustez do corpo, embora seu excesso possa prejudicar o desempenho dos trabalhadores, conforme ocorria na Inglaterra em alguns relatos trazidos pelos jornais brasileiros da época (Jornal do Brasil, em 22/06/1898).

O futebol, enquanto esporte originado na Inglaterra, era para os brasileiros da década de 1890 uma prática nova e desconhecida. Muito do que se sabia desse jogo era obtido por meio das notícias publicadas nos principais jornais da época. Assim, a visão daqueles que já houvessem o praticado ou visto como se fazia era muito importante, superando, em demasia, a opinião dos indivíduos que tinham contato com esse desporto tão somente pelas notícias de jornais. Estes, por sua vez, ao mesmo tempo em que davam destaque ao sucesso internacional do Dr. Grade, famoso jogador de Críquete, traziam informações de que a paixão pelo futebol se mostrava tão grande nas terras britânicas que um homem “adulto e aparentemente no bom e pleno uso de suas faculdades” (Gazeta de Notícias, em 04/11/1895) mentais se suicidou por não ter assistido a um importante *match*. Tanto este jogo, quanto o críquete, atraíam, inclusive, muitos operários ingleses para a casa de jogos de apostas.

Assim como nos primórdios do futebol na Inglaterra, para alguns indivíduos o início do futebol no Rio de Janeiro também esteve ligado à violência (posição de escritores como Lima Barreto), ao mesmo tempo em que era visto por outros como um importante veículo para a boa prática dos exercícios físicos e, conseqüentemente, para o desenvolvimento da nação (posição de escritores como Coelho Neto e Afrânio Peixoto).

As concepções de Coelho Neto e Lima Barrero acerca do desenvolvimento do futebol são contrastantes, mas muito interessantes para se pensar o assunto. Ambos foram escritores consagrados que testemunharam, *in loco*, não só as modificações pela passagem do século XIX para o XX, como o crescimento deste desporto, contudo, a percepção histórica desses indivíduos sobre o mesmo fenômeno é bastante divergente. O motivo para isso pode ser explicado pelos diferentes contextos histórico-culturais e também pelas posições sociais que ocupavam.

Henrique Maximiliano Coelho Neto nasceu em Caxias, no Maranhão, no dia 21 de fevereiro de 1864. Formado em Direito, tornou-se um dos principais escritores do Brasil neste período, tendo como marca de sua obra a utilização de uma linguagem rebuscada e cheia de efeitos. Desde a década de 1880, Coelho Neto já morava no Rio de Janeiro, de onde se afastou por um tempo para residir em Campinas, em razão da aprovação no concurso de um ginásio local. Não obstante, em 1904 ele já estava de volta para ocupar uma casa na rua do Roso nº 79, ao lado da rua Guanabara em que também ficava a sede do Fluminense Foot-ball Club.

Como afirma Leonardo Pereira em *Footballmania*, “a coincidência parece não ter afetado o escritor, que, como outros, mostrava nos primeiros anos do século ver ainda no jogo um divertimento de estrangeiros” (PEREIRA, 2000, p.205) e restrito aos jovens endinheirados. Essa análise de Coelho Neto encontra-se presente na obra *Esphinge*, de 1908, sobretudo quando o literato descreve o inglês James Marian e sua obsessão pela prática de esportes. Apesar disso, é preciso também perceber sobre qual cenário Coelho Neto lança o seu olhar. Nesses primeiros anos, o escritor não simpatizava com o esporte e o pouco que observou do seu desenvolvimento esteve atrelado ao que acontecia no Fluminense Foot-Ball Clube.

Além da rua Guanabara, por exemplo, pelo menos nos anos de 1902 e 1903 foram comuns a ocorrência de “matches” com entrada franca. O *Correio da Manhã* anunciava eventos deste tipo, como a partida entre o Fluminense e o Rio Foot-ball club, disputada na rua Paysandu, em 19 de outubro de 1902, tendo o “scratch” tricolor contando com a presença de Oscar Cox e E. Etchegaray (*Correio da Manhã*, em 18/10/1902). No ano seguinte, foi a vez de o *Jornal do Brasil* informar que o duelo entre o Rio Foot-ball Club e o Rio Cricket (Nichteroy) seria disputado no campo do Payssandu Cricket-Club, em Botafogo, também com entrada franca (*Jornal do Brasil*, em 19/04/1903).

Fatos como esses servem para justificar a percepção de Lima Barreto, outro conhecido escritor que teceu suas opiniões acerca do esporte bretão. Tal qual Coelho Neto, Lima Barreto também não possuía muita simpatia com o futebol no seu início, mas diferente daquele, ele manteve sua posição crítica nas décadas seguintes. Aliás, os textos destes dois pensadores se destacavam na imprensa carioca do período e os colocavam como baluartes de duas causas distintas: Coelho Neto, a partir de 1910, era um defensor ferrenho do futebol como o instrumento capaz de criar uma nova raça no

país; já Lima Barreto não o via com esse caráter civilizador, salientando as divisões políticas e individuais que ele causava.

Entretanto, apesar da ojeriza contínua de Lima Barreto ao futebol, ele não hesita ao considerá-lo “um espetáculo de maior delicadeza em que a alta e a baixa sociedade cariocas revelam a sua cultura e educação” (Jornal Careta, em 04 de outubro de 1919), sendo, para ele, o seu crescente desenvolvimento verificado desde 1907.

Dentro dessas discussões, chamava a atenção o debate em torno do grau de violência dos jogos. Os jornais da época reproduziam informações e outros textos em que se apresentava o esporte bretão como o causador de lesões físicas gravíssimas. Nestes espaços eram comuns as publicações de folhetins, isto é, pequenas histórias contadas em formato de romance para atrair a atenção do público e que muitas vezes eram traduzidas do francês e alemão. Estas seções eram uma das mais lidas da época. Durante um tempo, no Gazeta de Notícias, os textos de Pierre Salles fizeram uso do *football* como pano de fundo para as suas histórias. Em uma delas, chamada *Milagre de Amor*, o futebol é apresentado como um esporte que exige para sua prática algumas peripécias. Em outro texto, o mesmo esporte é retratado como um jogo violento, razão pela qual Willy [personagem da história *A caça as mulheres*], ao mostrar suas mãos feridas para o pai, ouve dele (Sr. Robertson) que os machucados foram provocados pelo jogo com a bola. Contudo, ao avançar da história, a causa para as lesões também é atribuída ao excesso da ginástica praticada pelo nosso bravo herói. Indubitavelmente, o que se havia ainda era certo receio quanto à utilidade de se dedicar às atividades físicas, embora fossem inevitáveis, haja vista o elevado número de clubes fundados por ali de remo e que, menos de uma década depois, seria superado pelo das associações que praticam futebol. Na história de Pierre Salles, o mistério sobre as lesões de Willy é resolvido quando se revela que o garoto era amante de Lebiensti, uma senhora casada, e se machucara ao fugir dos tiros disparados pelo seu marido que descobriu a traição (Gazeta de Notícias, 22/06/1898, 11/04/1899, 05/12/1899 e 07/12/1899).

No entanto, nem mesmo com essa variedade concepções, o futebol foi introduzido nas terras cariocas. É sabido que desde a década de 1880 alguns colégios confessionais e laicos da Capital Federal já praticavam esse jogo, bem como há registros de uma partida de futebol disputada por marinheiros ingleses na presença da princesa Isabel pelo mesmo período.

3.1 A bola começa a rolar

A primeira partida de futebol que se tem registro no Rio de Janeiro foi realizada no dia 22 de setembro de 1901, quando Oscar Cox, juntamente com alguns de seus amigos do Cidade Maravilhosa, enfrentaram em Niterói, no campo do Rio Cricket, um time formado apenas por ingleses. O resultado da partida foi 1 a 1².

Um pouco antes disso, porém, é possível encontrar tentativas de introduzir esse salutar desporto na sociedade carioca. No dia 05 de maio de 1901 teve início, na Praça da República, “a temporada deste anno dos jogos gymnasticos dirigidos pelo professor Arthur Higgin” (Gazeta de Notícias, em 12/05/1901). Por duas horas e meia, 19 moços se divertiram em três partidas de hockey e uma de football. Assim, “os parques e jardins [que] são abandonados ou apenas frequentados por vagabundos ou viciados” conforme há 10 anos reclamava-se no Jornal do Brasil (em 30/11/1891), começam a ganhar nova vida pela prática dos exercícios físicos.

Durante boa parte do ano de 1901, o Professor Higgins dedicou a manhã de seus domingos a organizar partidas de hóquei e futebol na Praça da República para um grupo de garotos, inclusive seu filho, Jayme Higgins. Em algumas ocasiões contou com a participação de um dos maiores incentivadores do futebol na cidade anos subsequentes, Victor Etchegaray, que viria a ser um dos fundadores do Fluminense Football Club e um dos seus primeiros craques dentro de campo. Higgins organizava partidas entre cerca de 20 garotos, dividindo-os em dois grupos, os azuis e os vermelhos, e fazendo partidas por toda a manhã, desde que o tempo ajudasse. O Jornal do Commercio, um dos maiores jornais do país, divulgava, geralmente às terças feiras, como havia sido a prática esportiva de domingo. A iniciativa do professor Higgins mostra como a cidade estava ligada ao desenvolvimento da prática esportiva, apesar de muitas vezes a sua iniciativa ser frustrada. (SANTOS, 2010, p.15)

As frustrações do nobre professor podem ter sido provocadas, em alguns casos, pelo mau tempo que impedia a realização de seus projetos ou pela falta de adesões em outras oportunidades. O futebol, ainda nessa época, era uma novidade – uma novidade simples de se praticar, se comparada às outras opções existentes na época – ainda muito ligada à colônia britânica estabelecida no Rio de Janeiro. Um dos primeiros clubes a praticar o futebol no Rio de Janeiro foi o Rio Cricket and Athletic Assotiation, de Niterói (fundado em 15 de agosto de 1872 com o nome de Rio Cricket Club, só em 15 de agosto de 1897 teve esse denominação), cujos associados eram predominantemente ingleses.

² Há também a recente pesquisa de Carlos Molinari que visa estabelecer a origem do futebol brasileiro nos pátios da fábrica Bangu, em 1894, por meio do escocês Thomas Donohoe, seis meses antes de Charles Miller.

A ligação deste clube com o futebol é visível em vários momentos, como em meados de 1902, quando uma festa foi organizada pela colônia britânica existente no Rio de Janeiro para a comemoração da coroação do Rei Eduardo VII [rei desde a morte de sua mãe, a Rainha Vitória, em 22 de janeiro de 1901, mas que só foi coroado em 09 de agosto de 1902]. O evento ocorreu nos terrenos do Rio Cricket and Athletic Association, em Icaraí. Dentre as muitas atividades previstas para o dia estava a realização de uma partida de futebol, no qual o time dos brasileiros foi capitaneado por Oscar Cox e o dos ingleses por A. R. L. Wright (Jornal do Brasil, em 22 de junho de 1902).

Nesse ano, aliás, o esporte bretão parece estar mais ao gosto da população carioca, uma vez que sua prática não se limitava ao puro e simples exercício dentro dos clubes existentes.

Queixam-se os moradores da rua Barão do Flamengo de que essa rua está, à tarde e pela manhã, cheia de aficionados do jogo denominado football e o jogam de modo que chegam a quebrar vidraças, como aconteceu com as do Hotel dos Estrangeiros (Jornal do Brasil, em 04/09/1902).

A reclamação não demonstra ser de um fato isolado, mas sim de uma situação frequente nas ruas cariocas. O jogo com bola estava sendo inserido no gosto popular e era praticado fora dos clubes esportivos que existiam até então, pois era simples: necessitava de uma bola, que podia ser improvisada com um objeto redondo, assim como os demais instrumentos usados para a prática do esporte, dentre os quais se destacam os calçados e as balizas.

Foi em 1902 também que ocorreu a fundação do primeiro clube voltado para a prática do futebol: The Rio Foot-Ball Club. Poucos dias depois, mais precisamente em 21 de julho de 1902, foi fundado por Oscar Cox o Fluminense Football Club, que logo se tornou o principal time da Capital Federal. Esses dados servem para mostrar que a prática do jogo de bola estava sendo abraçada por indivíduos que iam além aos da colônia inglesa. Isso não era um fenômeno exclusivo do Rio de Janeiro.

O Sport Club Internacional de S. Paulo veio a esta capital fazer algumas partidas de football com o Sport-Rio e com o Sport Fluminense. O Sport-Rio ganhou a partida de ontem e convidou os seus colegas de S. Paulo para um banquete que effectuou-se no Hotel dos Estrangeiros (Jornal do Brasil, em 03/10/1902),

Este é o mesmo estabelecimento que no mês anterior, na seção Queixas do Povo do Jornal do Brasil, era apontado como um local que sofria com a prática do futebol de rua – basta lembrar que suas vidraças foram quebradas. Esse tipo de encontro Rio de

Janeiro x São Paulo foi muito comum no início do futebol brasileiro, em virtude não só dos poucos times existentes, mas também como uma forma de buscar provar a força de um estado em outras regiões. Jogos com times do Rio Grande do Sul também ocorriam, como quando o Sport Club Rio Grande excursionou pela cidade após chegar a bordo da embarcação Aymoré e foi recebido com enorme festa (Jornal do Brasil, em 06/10/1902). No caso carioca, o Fluminense era quem mais saía para jogar fora e quem mais enfrentava os times visitantes.

As primeiras partidas de futebol, porém, se diferenciavam das dos principais esportes a época pela gratuidade. Nos primórdios do futebol carioca era comum ocorrerem partidas com entrada franca, como a que aconteceu no campo Payssandu Cricket-Club, em Botafogo, entre o Rio Foot-Ball Club e o Nictheroy (Rio Cricket). Este “salutar Sport, que também entre nos tem tomado bastante incremento” (Jornal do Brasil, 19/04/1903), diferentemente do que faziam o remo e o turfe, ainda não vendia ingressos para as suas partidas. Em 1902, isso, certamente, foi mais um fator favorável para que pudesse se popularizar. Obviamente que a gratuidade não se estendia a todos os jogos, pois em algumas peijas havia outros aspectos em disputa.

O comércio também não pôde se manter alheio ao incremento a esse desenvolvimento. Ainda que para as classes de baixo poder aquisitivo o futebol tenha como vantagem o fato de não exigir muitos equipamentos esportivos como outras atividades, já que quase tudo poderia ser improvisado, para os membros da alta sociedade a aquisição de materiais esportivos era, além de uma possibilidade, um símbolo de status. Por isso, a Casa Clark, já realizava anúncios em 1903 de “artigos ingleses, calçados, bolas, caneleiras, bombas” (Correio da Manhã, em 20/03/1903) e de um livro contendo as regras do futebol. O interesse pelo esporte despertara o espírito empreendedor dos comerciantes. O crescimento dos clubes esportivos dava respaldo para esse tipo de investimento, já que para os *sportmen*,

a técnica reproduzida dos ingleses tornava-se ao mesmo tempo um grande critério de exclusão – ajudando a fazer do futebol um jogo restrito àqueles poucos conhecedores dos seus ditames – e um meio de definição de uma imagem moderna e sofisticada para os sócios dos clubes futebolísticos cariocas. (PEREIRA, 2000, p.39)

Afinal de contas, o público consumidor desses produtos ia além das associações esportivas. As categorias profissionais também viam no futebol uma oportunidade de suas associações mostrarem força. Um amistoso entre o time dos bancários e o time do comércio indica que o espírito associativo ia além do desejo de apenas estimular uma

prática esportiva, mas, com o crescimento do futebol era preciso trazer esse lazer para os seus associados (Jornal do Brasil, em 17/10/1903).

De certa forma, sejam quais forem às condições dessas associações, elas procuravam dar aos seus associados segurança e sensações nem sempre perceptíveis enquanto cidadãos. O futebol, ainda que inicialmente fosse apresentado como objeto exclusivo da elite carioca, também estava acessível a outras classes sociais de acordo com as suas possibilidades. Nem todos os trabalhadores, por exemplo, poderiam gozar das mesmas condições que os indivíduos mais abastados dispunham para os seus jogos. Contudo, em algumas oportunidades, isso foi possível.

Quando “diversos operários e empregados da fábrica de tecidos do Bangu acabam de organizar, sob o título acima [Bangu Athletic Club], uma associação sportiva, onde serão explorados os jogos de football, cricket e lawn tennis” (Jornal do Brasil, em 23/04/1904), esses mesmos operários realizaram uma festa belíssima de inauguração, a qual compareceram mais de 140 sócios. Ainda que a decisão por essa fundação esteja atrelada aos hábitos dos funcionários britânicos do estabelecimento que, há quase uma década (é possível que, desde 1894, já houvesse jogos de futebol naquela área da Zona Oeste) praticam futebol e cricket, atraindo para si grande público, como podemos perceber com o “grande numero de socios e pessoas gradas que iam assistir aos matches” (Jornal do Brasil, em 30/04/1904) e que não pertenciam, necessariamente, à colônia inglesa. O time formado, como poderemos ver mais a frente, não contava apenas com britânicos, mas tinha em sua composição brasileiros negros (como Francisco Carregal) e brancos de baixa renda.

O futebol era em 1904 uma realidade incontestável dos domingos cariocas. Ao mesmo tempo em que clubes especificamente voltados para a sua prática eram fundados, outras agremiações já existentes começavam a incluí-lo como uma das atrações nos seus eventos. Esse foi o caso, por exemplo, do Clube de Regatas Vasco da Gama, que incluía o futebol em suas práticas festivas, juntamente com o atletismo e o tiro ao alvo. O principal clube de regatas da colônia portuguesa tem em seus quadros adeptos de outros esportes e, ainda que não seja sua prioridade, tende a estimulá-los em datas festivas, como na homenagem ao presidente honorário Sr. Alberto de Carvalho e Silva, que estava de partida para a Europa (Jornal do Brasil, 07/01/1904).

O Fluminense F.C., por sua vez, procurava adotar medidas semelhantes às observadas nos clubes de remo. A agremiação, por intermédio do seu presidente Frank

Walter (que seria tetracampeão como goleiro nos anos 1906, 1907, 1908 e 1910) decidiu realizar um *match* em benefício das vítimas da seca do norte. Eventos desse tipo eram comuns no remo, como no caso já citado neste trabalho do naufrágio de Solimões, e o futebol, a exemplo do maior esporte da época, praticava essas ações por meio do principal time na cidade do Rio de Janeiro.

3.2 Da diversão para a competição

Entretanto, todo esse progresso ainda estava aquém do que se podia observar na principal cidade brasileira no início do século XX (do ponto de vista econômico): São Paulo. Na capital paulista, já havia sido “assignada a lei municipal que autoriza a regulamentação do jogo do football” (Jornal do Brasil, 07/01/1904). Essa aprovação se dá 2 anos após ter início aquele que seria o seu campeonato estadual, fazendo com que a institucionalização do jogo dê aos seus praticantes uma maior segurança jurídica. Não obstante, não era só no aspecto legal que a comparação com São Paulo incomodava a elite carioca; era muito mais a organização do esporte em si que preocupava.

O desenvolvimento do futebol no Rio de Janeiro era inegável em 1905, haja vista a fundação de vários clubes pela cidade e até em outras partes do Estado. Cada vez mais laranjas eram usadas pelos jovens de classes baixas para praticar o desporto, assim como os novos burgueses se divertiam com o esporte bretão dentro de seus clubes. As agremiações, por sua vez, iam ganhando identidade com os bairros nos quais estavam inseridos ou com algum outro ponto que pudesse ser percebido em comum por seus sócios. Conseqüentemente, a rivalidade, a sadia disputa, já tão comum contra os paulistas e entre os paulistas, também chegaria à Capital Federal.

Inicialmente, a vitória era o elemento de maior valor em uma peleja (os “hip-hip-uh!” eram os melhores retornos que os footballers podiam querer receber), mas posteriormente esse êxito passou a necessitar de uma representação material. É aí que uma prática comum nas premiações militares, no turfe e no remo ganhou vida no futebol carioca: as medalhas. O Vasco, por exemplo, as concedia a indivíduos de destaque como aos pescadores José Moreno e Antonio Silveira, pelo arrojado “cometimento que emprehenderam, para salvar, com abnegado esforço, os novos associados que, graças a este ato de heroísmo, sobreviveram ao naufrágio da baleeira vascaína” (Correio da Manhã, em 22/06/1902) – o próprio presidente da república Campos Salles compareceu a essa sessão solene que fora realizada no salão nobre da benemérita Associação dos Empregados no Comércio do Rio de Janeiro.

Pensando nisso e em se valorizar, o Club de Regatas Boqueirão organizou “matches sensacionaes e interessantes” (Jornal do Brasil, em 09/02/1905) contra o Foot-Ball and Athletic Club (seus 1º e 2º times) e estabeleceu como prêmio uma artística e custosa estatueta de bronze. A competitividade crescia, mas ainda estava distante do nível alcançado em São Paulo, que a época já possuía um campeonato.

Esse, aliás, era o ponto que mais incomodava os *sportsmen*. A falta de organização no futebol carioca contrastava como o futebol paulista e com o próprio remo carioca. Em um artigo do jornal Correio da Manhã de 29 de março de 1905, a culpa disso é atribuída aos “próprios foot-ballers, que tem deixado seu bello sport dormir na impopularidade”, a qual, segundo a matéria, seria superada com a criação de um campeonato. O jornal exorta os clubes a formarem uma união, tal qual ocorrera no remo e se notava em São Paulo, de modo que “o football fluminense ia collocar-se ao lado do paulista.” (Correio da Manhã, em 29/03/1905).

O texto é importante para demonstrar uma ideia presente naqueles indivíduos. Após sua publicação, embora seja difícil auferir o quanto ela foi efetiva naquela sociedade, teve início o processo de fundação de uma liga para organizar o tão sonhado campeonato de futebol do Rio de Janeiro. O Jornal do Brasil, em 18 de maio de 1905, anuncia que “muito em breve vae ser fundada, a exemplo de S. Paulo, a liga das sociedades de football desta capital, ramo este de sport que este anno, principalmente, tem tido extraordinário incremento”. A reunião inicial ocorreria em 21 de maio de 1905, entre as delegações do Fluminense, Foot-Ball and Athletic Club, Rio Cricket, Payssandu, Botafogo, Sport Club de Petropolis, Colegio Militar Foot-ball club, Andarahy, Bangu, Petropolitano e América.

“Com a criação da Liga e consequentemente confederação das sociedades, será então, pela primeira vez, disputado entre nós o Campeonato do Rio de Janeiro para conquista de uma rica e artística taça que será adquirida para esse fim” (Jornal do Brasil, em 10/07/1905). Esse prognóstico começou a ganhar contornos oficiais, em 08 de julho de 1905 (sábado) quando, na sede do Fluminense, foi “finalmente, fundada a Liga de Football no Rio de Janeiro, a grande aspiração dos foot-ballers cariocas” (Jornal do Brasil, em 10/07/1905). Na mesma reunião, a qual “fizeram-se representar vários clubs” (Jornal do Brasil, em 10/07/1905) foi eleita a sua primeira diretoria que teve a seguinte composição: Villas Boas, do Bangu ficou como presidente; Victor Etchegaray, do

Fluminense, foi escolhido como vice-presidente; Rocha Gama, do Athletic and Club, foi escolhido secretário; e A. Pinto, do Botafogo, ficou com o cargo de tesoureiro.

A organização de um campeonato nos moldes que seria realizado no ano seguinte (1906) é mais do que a realização do simples desejo de um grupo de indivíduos da alta sociedade carioca; ela é o reflexo de um processo silencioso, mas perceptível, pelo qual o futebol estava se consolidando na Capital Federal. Essa consolidação, por sua vez, incluía indivíduos de várias classes sociais e de diversas idades. No que tange a esse quesito, por exemplo, tem-se a criação de clubes voltados para o desenvolvimento do futebol na juventude carioca: “Carioca Football Club é o nome de uma sociedade infantil, há pouco fundada e que proporcionara a educação física por meio do football. Essa sociedade, que é exclusivamente constituída de meninos até 11 annos (...)” (Jornal do Brasil, em 20/06/1905), visava desenvolver entre a mocidade o esporte que mais crescia na época. Dessa ideia também partilhavam clubes como Guanabara Football Club e o Humayta Foot-ball Club. Curiosamente, São Paulo, por sua vez, já dispunha de uma Liga Infantil de Foot-Ball e que, em 1905, organizaria o primeiro campeonato.

3.3 O futebol se aproxima dos outros esportes

A presença das autoridades brasileiras aos eventos esportivos, uma prática cujas origens advêm da época Imperial, também passa a fazer parte da realidade futebolística no início do século XX. D. Pedro II, no gozo das suas prerrogativas de Chefe de Estado, era visto no século XIX assistindo às corridas de turfe ao lado de sua excelentíssima família e, aos domingos, também podia ser encontrado passeando a cavalo ao lado de sua esposa. Na República, os primeiros presidentes do Brasil também procuram reproduzir tal prática e eram vistos assistindo às corridas de regatas na enseada de Botafogo. Aliás, como já dito anteriormente, esse esporte recebeu um importante apoio estatal para o seu crescimento.

O futebol, que caiu no gosto popular, também teve seus momentos de receber nas arquibancadas dos *matches* a ilustre presença de presidentes e prefeitos.

O Jornal do Brasil, em 13 de julho de 1905, conta-nos que “o Sr. David M. Neill foi hontem [12/07/1905] convidar o sr. presidente da República [Francisco de Paula Rodrigues Alves] para assistir à partida entre Fluminense Foot-ball Club e Club Athletico Paulistano”. O convite, ao que parece, foi aceito pelo presidente que,

segundo o próprio Jornal do Brasil, em 17 de julho de 1905, esteve presente juntamente com seu chefe de casa militar Sousa Aguiar e os secretários Francisco de Paula Rodrigues Alves Filho e Cesário Pereira. A partida, vencida pelo Paulista no por 3 a 2, contou com uma atuação da mais elevada galhardia por parte do excrete carioca diante do time de Charles Miller e teve um público estimado em torno de 2500 pessoas, das quais se destacam as mulheres e os sportsmen das outras sociedades cariocas (América, Bangu e Botafogo, por exemplo), como pode notar o repórter do jornal pelas fitas presas aos chapéus desses homens.

Os confrontos entre cariocas e paulistas não eram motivos para poucas celebrações naquele período. A rivalidade entre os dois estados pela hegemonia no Brasil era latente e também se refletia no futebol. Contudo, o esporte não era um ramo em que as discussões eram benquistas, valendo mais o êxito de um lado sobre o outro. A maneira nobre de jogar futebol prevalecia sobre qualquer sentimento animalesco, haja vista as grandes festas que ocorriam no período desses jogos. Sendo assim, a presença de um Presidente da República ao match era quase que uma obrigação para esse político, como já ocorria na realização das regatas.

No remo, aliás, era comum a realização de regatas beneficentes. Essas eram oportunidades para a alta sociedade demonstrar sua preocupação com os menos afortunados e participar de mais um evento social. Como muitos desses homens praticantes do remo costumavam participar de outros esportes e ser sócios de várias entidades, era inevitável que suas práticas não fossem transportadas para o futebol, como o foi a de realizar jogos beneficentes.

Por iniciativa do Fluminense, principal e mais aristocrático clube do Rio de Janeiro (Correio da Manhã, em 27/07/1905), foi realizada uma partida em benefício do Dispensário São Vicente de Paulo no dia 30 de julho de 1905 entre o Tricolor Carioca – que a época jogava de branco – e o Rio Cricket, cujo produto da partida foi oferecido a instituição que auxilia os pobres e necessitados. No referido match disputado no ground do Fluminense, o time da casa empatou com o Nichteroy por 3 a 3, mas o destaque do evento fica por conta do grande número de assistentes que foram ao local: senhoritas elegantes ali estiveram para prestigiar os foot-ballers e seu belo condicionamento físico, bem como sportsmen das sociedades que jogavam e de outras que davam seu apoio ao esporte, além, é claro, da digníssima presença do “sr. prefeito municipal [Francisco Pereira Passos], acompanhado de sua exma. família” (Jornal do Brasil, em 01/08/1905)

que, assim como fazia dando apoio ao remo, mostrava também simpatia pelo futebol. Não demoraria muito para outras instituições demonstrarem seu apreço a este esporte que crescia a olhos vivos e ajudar na realização do Campeonato de Football do Rio de Janeiro.

Os mesmos clubes em data posterior também se enfrentaram em outro jogo beneficente. Desta vez a instituições agraciadas com o produto da festa foram a "Instituição de Socorros e Náufragos de Lisboa e a Associação Protectora dos Homens do Mar, desta capital" (Jornal do Brasil, em 08/10/1905). Como esta festa ocorreu em homenagem a canhoeira lusitana Pátria, que se encontrava por motivos de viagem ao exterior atracada ao porto do Rio de Janeiro, o ilustre sr. Presidente da República também agraciou ao match com sua presença.

Nos moldes das festas de caridade promovidas pela alta sociedade, esses jogos, atraindo ao estádio um "público fino e elegante", composto de "moças formosas e coquetes, senhoras graves e sérias, rapazes de sociedade, leves e risonhos, trajando esmeradamente", atestavam o sucesso da operação que transformara um jogo aparentemente brutal e sem sentido, praticado por operários ingleses, em um fino e delicado evento social. (PEREIRA, 2000, p.41)

3.4 A bola exclui os excluídos?

De maneiras diversas, as classes baixas também puderam desfrutar do esporte bretão, pois o futebol, diferentemente do remo, do turfe, do ciclismo ou do alpinismo, não era refém de instrumentos para ser praticado, isto é, enquanto, sobretudo o remo e o turfe, precisavam, obrigatoriamente, de barcos e cavalos, o futebol não exigia nem mesmo uma bola oficial.

No alvorecer do século XX, a estética urbana do Rio de Janeiro encontrava-se em transformação, o que ia além das reformas urbanas protagonizadas pelo prefeito Francisco Pereira Passos. Muitos hábitos dos habitantes da até então Capital Federal estavam se modificando, como, por exemplo, o apreço pelos exercícios físicos. Importante destacar que o prazer do desporto ainda não era consenso entre aqueles indivíduos, pois muito mais do que praticá-los, aos domingos era comum, enquanto evento social, assistir a regatas, corridas de cavalo e matches de football no ground da Rua Guanabara. Contudo, enquanto os dois primeiros eram de prática exclusiva dos indivíduos com maior poder aquisitivo, este último permitia com mais facilidade que as pessoas comuns também o jogassem. Isso é importante para podermos entender o

sucesso inicial que o esporte bretão teve nas camadas médias e baixas da população carioca, contrastando com o início dos demais esportes cariocas.

Na obra *O Cortiço*, escrita por Aluisio de Azevedo, e que se passa no Rio de Janeiro no período pré-abolição, o domingo já é feito p'ra gozar. A diversão, porém, dos trabalhadores do período imperial está ligada à música, dança, jogo do bicho, capoeira, rinhãs de galo e outras práticas vistas como não tão saudáveis ao corpo como se pensa a partir dos anos 1900. Os passeios a cavalo eram admirados, mas, como já dissemos, aqueles que podiam manter esses animais como intuito de participar de competições eram indivíduos de grande poder aquisitivo. No romance *A Normalista*, de Adolfo Caminha, o personagem Zuza, pretendente de Maria do Carmo, é admirado por Lidia, amiga de Maria e prometida do guarda-livros Loureiro, já que, dentre muitas outras possibilidades, poderia proporcionar aquela jovem pobre de Fortaleza passeios a cavalo, como os que realizavam a época no Rio de Janeiro o Imperador D. Pedro II.

A modernização nos meios de transporte urbanos do Rio de Janeiro colocou em segundo plano o transporte a cavalo e privilegiou o deslocamento elétrico (bonde) e a motor (carro). No esporte, a passividade do homem montado a cavalo foi substituída pela prevalência de sua força e habilidade no remo, no pedal e no futebol. Assim, podemos dizer que ao alvorecer do século XX o domingo carioca é

um dia sportivo em que tudo muda, o aspecto das ruas, o aspecto dos transeuntes (...) Desde manhã as classes laboriosas em descanso. O descanso é passear, de fato novo, de manhã até a noite. Havia corridas de cavallos, pelota basca, bicyclismo, football, exposição de pássaros, matines theatraes, o diabo (Gazeta de Notícias, em 24/07/1905).

A vantagem do futebol para os outros esportes da época estava além do simples prazer proporcionado pelo jogo. Como um dos muitos divertimentos de lazer, os trabalhadores tenderiam a abraçar aquelas em que melhor pudessem equilibrar o gozo e bolso, isto é, buscariam um passatempo divertido e acessível financeiramente. O turfe exigia o cavalo; o remo era também privativo da alta mocidade carioca, a única “que poderia organizar clubs voltados à prática desses exercícios, adquirir embarcações e praticar a canoagem” (Jornal do Brasil, em 30/11/1891). Mas o futebol, quando exigia a bola, esta custava em torno de “cinco, seis mil réis cada uma” (Jornal do Brasil, em 09/08/1905) e, mesmo quando não fosse possível ter uma, dava-se para jogar “a tal porqueira com tudo quanto apanham que é redondo” (Jornal do Brasil, em 09/08/1905), inclusive as frutas como laranjas ficavam sujeitas aos chutes de pés nervosos em

praticar o esporte inglês. O futebol é acessível a esses trabalhadores que, como os ingleses faziam na sua terra natal, tomam gosto pelo jogo.

É preciso ter bem claro em nossa mente que estamos tratando do Rio de Janeiro na transição do século XIX para o XX. As relações de trabalho eram muito diferentes das que temos hoje em dia, pois a segurança jurídica das mesmas ali se encontrava muito aquém do que ocorre atualmente. O trabalhador desse período, que podia ser um ex-escravo, um branco nacional ou mesmo um imigrante que viera ganhar a vida por aqui, exercia suas funções dia a dia, sem grandes garantias de que voltaria para seu ofício no dia seguinte, a não ser a palavra do seu patrão. Já naquela época, um emprego público era o melhor que podia acontecer a essa gente. Não obstante, mesmo sob condições não tão aprazíveis, por assim dizer, os menos abastados puderam praticar o futebol.

Clubes esportivos também começaram a surgir no início do século XX nas regiões dos trabalhadores. Já falamos sobre o encontro entre os times dos bancários contra o time dos comércios, demonstrando que essas classes laborais também se uniam para jogar o futebol. Nos subúrbios, região em que se dizia “os malfeitores de toda casta que neste último tempo tem infestado” (Gazeta de Notícias, em 14/12/1905), era possível assistir a partidas de futebol como a que ocorreu em 14 de novembro de 1905, entre o Club Athletico do Meyer e o Joung’s Football Club, a qual, segundo o Gazeta de Notícias, “correu animada, mostrando ambos os competidores o perfeito conhecimento do jogo” (Gazeta de Notícias, em 15/11/1905). Assim como no centro da Capital Federal, nos seus arredores também havia gente praticando o futebol e fundando clubes para isso. Diferentes econômica, social e culturalmente, as pessoas da zona sul e dos subúrbios tinham naquele esporte um ponto em comum, mas que estava longe de aproximá-los.

3.5 Os Campeonatos de Futebol no Rio de Janeiro

“Foi brilhante a temporada de 1905 [para] o higienico ramo de sport, que entre nos tomou um incremento espantoso este anno” (Jornal do Brasil, em 30/10/1905). Como se não bastassem a várias partidas entre cariocas e paulistas, também ocorreram *matches* beneficentes e duelos cujos objetos da vitória foram medalhas e taças. Em razão desse *boom*, as autoridades brasileiras, como, por exemplo, o Presidente da República, Rodrigues Alves, e o Prefeito da Cidade do Rio de Janeiro, Pereira Passos, se fizeram presentes aos mais importantes jogos daquele ano. Tudo isso, porém, tem importância

relativa quando se sabe que foi em 1905 que a Liga Metropolitana de Futebol do Rio de Janeiro foi fundada e que, assim, ocorreu na temporada seguinte o Campeonato de Futebol da Capital Federal.

Essa decisão foi tomada ante ao crescimento do esporte bretão que se dizia há pouco mais de três anos era “desconhecido entre nós (...), pois somente duas sociedades [The Rio Cricket & Athletic Association e Payssandu Cricket Club], e constituídas de honrados membros da colônia inglesa, a elle se entregavam” (Jornal do Brasil, em 30/10/1905). O futebol crescia a olhos vistos entre as diversas classes e localidades que constituíam o Rio de Janeiro daquele período. Em 1904, por exemplo, muitas sociedades dedicadas a sua prática foram fundadas, como o “Foot-ball & Athletic Club, Bangu Athletic Club, Botafogo Foot-ball, America Foot-ball Club, Internacional Foot-ball Club, Colegio Militar Foot-ball Club, Escola Militar Foot-ball Club, etc” (Jornal do Brasil, em 30/10/1905). A criação destas instituições é mais uma prova do crescimento deste salutar esporte, bem como também o é a sua adesão por parte de muitos colégios cariocas, como o Club Guanabareense, Humayta Foot-ball Club e a Associação Athletica do Collegio Paula Freitas, inculcando na mocidade do Rio de Janeiro o hábito do futebol. Aquela altura, segundo o Jornal do Brasil, eram “cerca de 30 as associações de foot-ball, o que é deveras espantoso” (Jornal do Brasil, em 30/10/1905).

Em meio a toda essa efervescência de clubes, um deles se destacava perante os demais, e não só pela qualidade técnica de seus jogadores. Sem receio o jornal do Brasil afirmava “que o verdadeiro introductor do salutar jogo ao ar livre, então bastante explorado, e cada vez mais em S. Paulo, foi o Fluminense Foot-ball Club, por iniciativa de uma plêiade de rapazes educados na Suíça e na Inglaterra” (Jornal do Brasil, em 30/10/1905). Assim, às vésperas do Primeiro Cariocão, o Fluminense figurava como o favorito.

O ano de 1906 começou, porém, sem que a composição do Campeonato Carioca se mostrasse completa. O projeto original previa 12 clubes disputando o torneio, que, por sua vez, seria dividido entre 1ª e 2ª divisão, sendo que a divisão principal seria disputada entre os 1º e 2º teams. Esta, por sua vez, contaria com Bangu Athletic Club, Botafogo Football e Regatas, Fluminense Football Club, Football and Athletic Club, Payssandu Cricket Club e The Rio Cricket and Athletic Association. A 2ª Divisão, porém, se em 1905 acreditava-se que ela “compor-se-a do America, do Internacional e de mais outros quatro clubs” (Jornal do Brasil, em 30/10/1905), já no ano seguinte o

América era o único clube confirmado no torneio. Diante desse impasse, que se persistisse obrigaria o América a ficar a temporada em descanso enfrentando apenas ao seu final o pior time da 1ª divisão para que, assim, se fosse vencedor, pudesse alçar à elite, o clube solicitou a Liga sua inclusão na 1ª divisão, que, conseqüentemente, seria disputada por 7 times. Por 8 votos contra 4, contudo, a tentativa foi rechaçada, mas poderia ser acatada se até a data limite não houvesse associação de nenhuma outra instituição.

O Estatuto que dava fundamento legal ao primeiro campeonato de futebol do Rio de Janeiro estipulava que a inclusão de um novo clube à Liga estava sujeita a proposta de dois clubes membros, da aceitação pelas assembleias dos clubes e da diretoria da Liga. Neste sentido, o Riachuello Foot-ball Club, por proposta do América e do Bangu (Jornal do Brasil, em 18/03/1906) e a Associação Athletica Collegio Latino Americano foram os clubes aprovados pela Liga para, juntamente com o América, disputarem a 2ª divisão do Carioca.

O modelo em que se deu a disputa da 2ª divisão também foi motivo de discussão. Um texto enviado por Roldana (pseudônimo desconhecido) questiona a atitude da Liga Metropolitana em desenvolver o futebol de forma desigual, o que, segundo o autor, deveria exigir que “para isso ella conseguir, torna-se necessária a justiça” (Gazeta de Notícias, em 22/04/1906) que seria alcançada com a disponibilização de uma taça ao vencedor da 2ª divisão, nos mesmos moldes do que já acontecia com o campeão da divisão principal. Roldana nos aponta que as duas taças (Taça Colombo e a Taça Caxambu) deveriam ser distribuídas entre as duas divisões existentes, mas a decisão da Liga em utilizá-las para premiar os 1º e 2º times da 1ª divisão é uma prova da desigualdade atribuída para as disputas, o que não colabora para a exaltação desse importante esporte.

No domingo seguinte a essa publicação, uma artigo de autoria de Americano (outro pseudônimo) questiona as ideias de Roldana. Segundo ele,

pela leitura dos Estatutos da Liga vê-se que todos os club a ella filiados, quer da 1ª, quer da 2ª divisão, estão em igualdade de condições e gosando dos mesmos direitos, sendo que o desmembramento do campeonato em duas divisões importa exclusivamente a conveniência do jogo, sem outro fim perceptível (Gazeta de Notícias, em 29/04/1906).

Não obstante, é possível identificar outros fins nesta divisão que serão tratados em outra oportunidade, mas o que temos que dar atenção agora é que para Americano

“os 2º divisionários muito devem louvar a Deus (não de galinhas) por não ser uma taça esse premio, porque se fora haveriam talvez 3º teams da 1ª divisão para conquistá-la” (Gazeta de Notícias, em 29/04/1906). O vencedor da 2ª divisão é, pois, um agraciado com a glória de ascender à divisão principal. Ele ressalta também a discussão que havia a época sobre a ocorrência ou não da disputa da divisão de acesso, pois, àquele momento, somente o América estava confirmado.

A composição da 2ª divisão não era o empecilho ao início do torneio de futebol. O fato de os clubes conseguirem pagar 50\$000 anuais para se filiarem a liga não garantia que eles tivessem condições de arcar com as despesas correntes para se manter no campeonato, pois, além da anuidade, havia multas (pela ausência do árbitro indicado pelo clube, por exemplo), despesas com deslocamentos (transporte) e aluguel dos campos de jogos, sem, contudo, haver nos clubes menores garantia de casa cheia e arrecadação com ingressos que sustentassem esses investimentos. É preciso termos em mente que havia outros esportes em voga naquele período, sendo, por exemplo, o remo ainda maior do que o futebol. A própria montagem do calendário do Campeonato se viu sujeita a compatibilidade com os outros tipos de jogos. O Rio Cricket e o Paysandu, clubes da colônia inglesa, tidos como nomes certos na disputa do título da 1ª divisão em 1906, sabiam que não poderia jogar “em certos dias, visto ter que disputar o campeonato de cricket [e] em dous dias de agosto jogará lawn tennis” (Jornal do Brasil, em 24/01/1906), respectivamente. De certa maneira, os problemas que os clubes enfrentavam eram mais afeitos a realidade da esporte e do lazer da época do que a um suposto plano para impedir a participação de membros não desejáveis socialmente, embora esta questão seja inegável diante de uma sociedade marcada por traços institucionais ligados a segregação social e racial.

Os clubes da época, diferentemente dos de hoje, dependiam essencialmente das doações de seus sócios. Valores em joias e mensalidades eram o principal meio de subsistência dessas associações, logo, quando seus sócios tivessem dificuldades para permanecerem adimplentes, os clubes teriam dificuldades para realizar seus eventos. Esse cenário era muito mais instável nos clubes não elitizados, isto é, naqueles ligados aos trabalhadores que aquela época ainda sentiam os efeitos do Encilhamento corroerem suas rendas.

3.6 A desigualdade social refletida no esporte

O início do século XX foi um período bastante turbulento para a história social do Brasil. A inflação era alta e os direitos trabalhistas eram moldados, na prática, pelo cotidiano dessas relações. A resposta a essas condições precárias de labor, assim como em quase todos os meios da vida social, foram dadas por meio de ações radicais e moderadas: respectivamente, anarquismo e trabalhismo, para Boris Fausto, ou cidadania em negativo e estadania, para José Murilo de Carvalho.

Se em 1903 ocorreu “o primeiro ensaio de greve geral na história da cidade” (CARVALHO, 1990, p.121) com a paralisação por aproximadamente de 20 dias da maioria dos alfaiates do Rio de Janeiro, em 1905, ano de fundação da Liga de Football do Rio de Janeiro que na temporada seguinte organizaria o primeiro torneio da Capital Federal, a realidade dos trabalhadores não era muito melhor.

Segundo a União Operária do Engenho de Dentro (UOED),

são operários e proletários em sua maioria os habitantes do subúrbio desta capital, que lutam hoje mais do que nunca com a miséria que lhes invade o lar, onde já havia falta de pão, ar e luz.

Com as reformas radicais e sucessivas por que está passando esta capital, afluiram aos subúrbios muitos e muitos habitantes, que até essa ocasião moravam em outros pontos, o que veio a dar lugar á promiscuidade natural e consequentemente á miséria e á fome.

D’ahi o encarecimento enorme dos alugueis [que giravam em torno de 50\$000 mensais], e serem os moradores pobres obrigados a habitar verdadeiras pocilgas infectas e imundas.

As oscilações cambiais dificultam o surgimento de vagas e aumento salariais no emprego, enquanto os gêneros de primeira necessidade continuam pelos mesmos preços: nós, que na maioria temos família numerosa, necessitamos por dia de: um kilo de carne secca, \$900, um litro de arroz \$300, um litro de farinha \$140, meio kilo de assucar, \$220, sal \$040, café \$200, lenha ou carvão \$500, banha \$400, que não variando de comedorias, é por dia 2\$600, com 12\$ de pão mensais, \$800 de phosphoros, são no fim do mês 90\$800.

Esta importância é só para comedorias, porque naturalmente o operário deve ler um jornal, pertencer a uma associação, barbear-se, vestir-se e aos seus, fumar, e muito especialmente, sendo nós parte integrante da humanidade, também infelyzmente ficamos doente de quando em vez (Correio da Manhã, em 14/06/1905).

A União Operária do Engenho de Dentro é um bom exemplo para vermos um pouco dessas dificuldades. Esta distinta associação, fundada em 14 de julho de 1899, tinha na sua composição homens que “na sua maioria são operários da E. de F. C. do Brazil” (Jornal do Brasil, em 19/08/1903). Já no início do século XX, apresentava-se com uma das principais instituições de classe do Rio de Janeiro, não só pelo número de associados que crescia a cada dia, mas também pelas conquistas que obtinham em nome

daqueles que a ela se juntavam – isso vale tanto para os novos associados quanto para as instituições congêneres.

Não obstante a isso, essa egrégia instituição só veio a constituir seu clube de futebol no ano de 1906, com “o surgimento do Atlético F.C., a partir de uma reunião feita no salão da União Operária do Engenho de Dentro, ou do Fabrica F.C.” (PEREIRA, 2000, p.72) em 1907. As razões dessa demora não podem ser dadas com exatidão, contudo, analisando um pouco o percurso da União entre os anos de 1903 até o final de 1906 é possível tirar algumas conclusões.

Em 1903, durante a greve geral iniciada pelos Alfaiates, A UOED recomendou que seus associados não tomassem parte no movimento, exortando-os a aguardar “pacificamente a aprovação do projecto em discussão na Camara dos Deputados, crentes de que o dito projecto será vencedor, e tanto mais, sendo, como é, de toda justiça” (Jornal do Brasil, em 19/08/1903). O projeto a que é feita referência aqui tratada redução da jornada de trabalho para os ferroviários da Estrada de Ferro Central do Brasil.

A posição adotada pela União não discorda da atitude dos grevistas, mas do momento em que a greve ocorre, pois há “a necessidade que existe de melhorar a sorte de seus companheiros das fabricas de tecido, mas isso gradativamente e não todos de momento, sem a calma necessária a taes ocasiões” (Jornal do Brasil, em 19/08/1903).

O tom moderado adotado pela associação pode ser caracterizado dentro do conceito de trabalhismo, defendido por Boris Fausto em *Trabalho Urbano e Conflito Social* (1977). Isso também está longe de significar que os operários da Estrada de Ferro Central do Brasil se encontrassem em excelentes condições em suas vidas pessoais ou laborais, mas sim que o caminho adotado pela União para buscar as melhorias devidas era outro.

Neste mesmo ano a União estabelecia laços de simpatia com o Deputado Federal Américo de Albuquerque, em razão da “attitude assumida em favor da nossa causa na Câmara dos Deputados, pedindo que não nos abandone e nos proteja nas nossas justas pretenções” (Correio da Manhã, em 25/11/1903). Uma destas causas, por sua vez, era a redução da jornada de trabalho.

Um problema muito comum aos trabalhadores brasileiros na Primeira República foi a quantidade de horas que deveriam dedicar ao labor. Para os associados da União,

um horário das seis da manhã às quatro e meia da tarde era inaceitável, por isso esta associação pleiteou junto a diretoria da Estrada de Ferro Central do Brasil e foi contemplada com a redução da jornada de trabalho para oito horas diárias. Logicamente que a influencia do Dep. Albuquerque neste processo foi de grande ajuda, haja vista a carta de agradecimento que lhe foi enviada pela União dois dias após o anúncio da redução.

Mas por que razão um deputado manteria relações tão próximas a uma associação de trabalhadores? A resposta é simples: interesse político. A União Operária do Engenho de Dentro tinha votos para oferecer aos políticos em um período, em que a maior parte da população brasileira se encontrava alijada desse processo por ser analfabeta.

No dia 27 de maio de 1905, foi inaugurada na sede da União as Escolas Populares Livres que, por iniciativa de Elisa Scheid, ofereciam aulas noturnas aos seus associados e familiares nos seguintes horários: “segundas, quartas e sextas, portuguez, das 7 ás 8, arithmetica das 8 ás 9, francez das 9 ás 10; terças, quintas e sabbados, portuguez das 7 ás 8, sociologia das 8 ás 9, desenho das 9 ás 10” (Correio da Manhã, em 15/06/1905).

Essa iniciativa proporcionara a União alfabetizar boa parte dos seus associados que, por sua vez, ao pagarem suas mensalidades de sócio, poderiam dispor deste serviço e de outros como assistência jurídica, médica e até funerária. Em um período de grandes dificuldades como o início dos anos 1900, contar com uma ajuda dessas era de grande valia para os ferroviários. Para a União, fornecer ajuda deste tipo era de grande importância para atrair novos sócios e, ao convertê-los em eleitores, aumentava sua força dentro do processo político. Esse desejo ficou ainda mais explícito quando, por “avultado número de operários progressistas, na sua maioria associados a União Operária do Engenho de Dentro (Correio da Manhã, em 23/04/1905), foi fundado o Partido Operário Independente.

Para a nossa pesquisa, é importante perceber que ações como a fundação de escolas e partido político, além de prestar assistência aos trabalhadores, demandam recursos da União Operária do Engenho de Dentro que inviabilizam a aplicação em atividades lúdicas de maneira organizada, como exigia a participação nos campeonatos esportivos. As necessidades dos trabalhadores não permitiam que eles pudessem se entregar ao prazer dos jogos de futebol do mesmo modo que é possível perceber nas

classes sociais mais abastadas. Não obstante, isso não significa que esses ferroviários estivessem impossibilitados de se divertirem em âmbito privado, podendo até jogar futebol de rua; o que se quer demonstrar é que até 1906 a União Operária do Engenho de Dentro não havia fundado um clube de futebol, como já havia feito com relação a banda música, por exemplo, essencial em muitos dos eventos cívicos que essa associação organizava e nos que participava.

A necessidade de buscar melhores condições de vida era iminente, pois, ainda em 1905, as dificuldades financeiras da E. de F. Central do Brasil chegaram a impedir os trabalhadores de labutarem todos os dias. Essa decisão provocaria a redução do ordenado mensal desses indivíduos, mas era a única maneira de evitar demissões (Jornal do Brasil, em 28/08/1905).

Isso era só mais um agravante na precária situação desses trabalhadores, que, cada vez mais, viam suas rendas serem corroídas ante a inflação que não perdoava os produtos de primeira necessidade.

Mas, nem só de trabalho vive o homem e, por mais caótica que seja sua situação, sempre é possível encontrar formas alternativas de aliviar a tensão. A própria União buscava, com o tempo, proporcionar alternativas desse tipo para os seus simpatizantes. Era comum ocorrer quermesses aos domingos na sua sede em que “a entrada será publica e a comissão receberá com especial agrado as famílias suburbanas” (Jornal do Brasil, em 13/09/1906). Essas eram oportunidades para os trabalhadores e suas famílias desfrutarem de momentos de lazer, como também o seria com a fundação do Atlético F.C.

Daí é possível visualizar as razões das dificuldades que os sócios em potencial dos clubes não elitizados ou não apadrinhados por nenhuma empresa teriam para permanecer em uma associação. O operário tinha muita dificuldade para comer, o que torna mais difícil que possa ler ou pertencer a uma associação. Esta, por sua vez, também tem dificuldades em arcar com as despesas de um torneio do nível que se pretendia fazer. Também por isso, dos 11 primeiros clubes associados a Liga Metropolitana de Futebol em 1906, apenas 7 realmente conseguiram jogar a Liga; para o Andarahy, o Colegio Militar Foot-ball club, o Sport Club de Petropolis e o Petropolitano não foi possível cumprir esse desejo.

A despeito deste cenário, o fato é que o Campeonato de Football do Rio de Janeiro, com 270 jogadores inscritos – “o que excedeu a expectativa de muitos” (Jornal do Brasil, em 15/04/1906) teve início às 15h30min do dia 03 de maio de 1906, quando o Fluminense venceu o Paysandu por 7 a 1 (Jornal do Brasil, em 04/05/1906). A supremacia do tricolor carioca (que a época já usava o uniforme nas cores encarnado, verde e branca, aprovada em Assembleia do dia 15 de julho de 1905, por proposta de Oscar Cox e Mário Rocha ante a dificuldade de encontrar uniformes nas cores branca e cinzenta, conforme se pensou originalmente) sobre os demais adversários, demonstrada já na rodada inaugural, foi confirmada ao término do campeonato quando, o clube das Laranjeiras, sagrou-se campeão.

O sucesso do Campeonato de Futebol do Rio de Janeiro foi imenso e, como o sucesso desse esporte no Rio de Janeiro era inegável, influenciou a realização de outros torneios já no ano seguinte. O torneio da LMF era predominantemente elitista e, além da presença do Bangu, não contava com clubes identificados com outras camadas sociais se não a alta sociedade carioca. Logo, como a prática deste esporte não era monopólio de uma única classe, os torneios que ocorreram pelo Rio de Janeiro também não o foram.

3.7 As Ligas Alternativas

Em 21 de março de 1907, o jornal O Paiz trouxe a seguinte notícia: “A digna directoria do Mangueira F. B. vai officiar às sociedades congêneres, não filiadas á Liga dos Sports Athleticos³, convidando-os para uma reunião em que se tratará da fundação da Liga Suburbana de Football”. A Liga Suburbana, com estatutos e condições próprios, iria ser criada para dar vazão aos diversos times que não tinham condições de disputar o torneio da Liga Metropolitana de Futebol.

Seria nesse espaço alternativo que o melhor clube da 2ª Divisão da LMSA em 1906 poderia desfrutar das glórias que lhe foram negadas naquele torneio.

Adiantam-se bastante nos subúrbios o entusiasmo e animação pelos jogos athleticos. Já se fala numa liga suburbana e a rapaziada não pensa noutra coisa.

Domingo ultimo [24/03/1907] foram disputados vários matches. No campo do Cascadura (...) [e] No campo do Sport Club Mangueira. (Gazeta de Notícias, em 28/03/1907).

³ O nome oficial da entidade era Liga Metropolitana de Futebol, conforme pesquisa de Roberto Assaf e Clovis Martins.

O crescimento do futebol era visível também no subúrbio e, portanto, era só questão de tempo até que um Campeonato pudesse engrandecer a prática deste nobre esporte em regiões não tão estimadamente consideradas. Assim,

Sob o título de Liga Suburbana de Football, quatro clubs se confederaram para este anno disputar um campeonato regional sob seus auspícios.

Fazem parte da referida Liga o Riachuelo F.C., Nacional F.C., Sampaio F.C. e Mangueira F.C. (Jornal do Brasil, em 15/04/1907)

O Campeonato, que oferecia prêmios para os 1º e 2º times, estava previsto para começar em 05 de maio de 1907 e, sob a presidência do sr. Augusto José Teixeira, foi criada uma comissão para a elaboração da lei orgânica da confederação das sociedades suburbanas nos mesmos moldes do que ocorria com a LMSA. A atitude dessa comissão, que contava como vice-presidente da Liga, Arnaldo Joppert, e como tesoureiro Luiz Maia, “causou bela impressão nos suburbios, porque o football so terá a lucrar com a ideia em boa hora lembrada e posta em prática pelas ditas sociedades” (Gazeta de Notícias, em 30/09/1907).

Participaram da 1ª edição do torneio, além do Riachuelo, como já dito anteriormente e que seria o vencedor dos 1º e 2º quadros, o Sport Club Mangueira (da Tijuca), fundado em 27 de julho de 1906 – vice-campeão no 2º quadro; o Nacional Football Club (do Riachuelo), fundado em 1º de agosto de 1906; o Pedregulho Football Club (de Benfica), fundado em 03 de maio de 1906 – vice-campeão no 1º quadro; e o Sampaio Football Club (do Sampaio), fundado em 17 de junho de 1906, mas que não chegou a terminar o torneio, pois retirou-se por falta de jogadores (Jornal do Brasil, em 17/06/1907). Aliás, houve dificuldade também pela Liga Suburbana para sacramentar os participantes de seu torneio inaugural. Além dos já citados participantes, outros clubes suburbanos também tiveram o desejo de aderir a Liga (Gazeta de Notícias, em 13/04/1907). O Athletic Mangueira Club, por exemplo, foi fundado em 1907 e se acreditava fielmente que seria um dos participantes da Liga Suburbana, mas não jogou; bem como o Esperança Athletic Club, que chegou a realizar jogos entre seus associados para decidir o time que disputaria a Liga Suburbana, a qual logo se filiaria, pois, segundo o Gazeta de Notícias, o Sr. Augusto Teixeira, presidente da Liga, facilitaria este desejo, mas, quando o torneio começou, também esteve ausente. Neste cenário também pode ser incluído o caso do o Oriental Athletic Club - depois chamado de Centro Sportivo do Engenho Velho – que, apesar de ter incorporado “os bons elementos de dous club de foot-ball que inexperadamente se haviam extinguido: do antigo Latino

Americano que jogou na Segunda Divisão da Liga Metropolitana e do valoroso team do Collegio Paula Freitas” (Jornal do Brasil, em 23/07/1907), não agraciou a Liga Suburbana com a sua presença.

Ainda nesta “liga alternativa”, por assim dizer, a participação de todos os clubes populares não estava garantida. Esperava-se o cumprimento de alguns requisitos mínimos para tanto, bem como também ocorria na Liga Metropolitana de Sports Athleticos. Se nesta competição existiam barreiras práticas como o desprestígio atribuído a 2ª divisão, que sequer proporcionava um troféu ao seu vencedor, a exigência de alugueis de campos com o mínimo de condições para um bom jogo, bem como o deslocamento aos estádios dos adversários, eram obstáculos semelhantes que podiam ser encontrados na Liga Suburbana, a qual trazia em sua própria denominação um aspecto mais popular.

A Liga Suburbana foi montada pelos moradores dos subúrbios em moldes parecidos com o que foi criado o torneio da região central e, ainda que lá recebesse muitos dos clubes que não encontravam espaços no restrito cenário da LMSA, como era o caso do Riachuelo, ainda assim não foi possível a todos os interessados participarem, como ocorreu com o Sampaio que, depois de estar na disputa, teve que abandonar a competição por falta de time. O caso do Sampaio não pode ser pensado apenas do ponto de vista quantitativo, já que aquela altura no Rio de Janeiro seria possível encontrar homens em número suficiente para a montagem de um time, mas este caso tem que ser visto sob prisma da qualidade técnica destes jogadores. Tomando como exemplo um fato ocorrido com o Mangueira, é possível perceber que se desejava como participantes da Liga *foot-ballers* que soubessem praticar bem o jogo. A própria procura para assistir aos jogos do Fluminense, como mostrados nas imagens abaixo da Revista O Malho (de 28/10/1905), destaca isso: o Fluminense, como principal e melhor time de futebol do Rio de Janeiro, atraía para suas exibições indivíduos que iam além do público elitista que tradicionalmente ocupavam os lugares nas arquibancadas de seu *ground*. Para apreciar um jogo de boa qualidade técnica, os homens e as crianças mostrados na foto, “não querendo ou não podendo marchar com a arame [dinheiro] da entrada, para assistir ao jogo de foot-ball no ground da rua Guanabara” (O Malho, em 28/10/1905), se utilizam de diversos métodos para “aprecia todas as peripecias desse jogo que vai se tornando tão popular” (O Malho, em 28/10/1905). Afinal, há menos de 3 anos do dia em que foi tirada a foto, havia jogos do mesmo Fluminense gratuitos.

O MALHO
SCENAS CARIOCAS



O pessoal que não se aperta quando trata de se divertir. Não querendo ou não podendo marchar com o arame da entrada, para assistir ao jogo do *foot-ball* no *ground* da rua Guanabara, Club Fluminense, o rapazio faz diversas escadadas, acocora-se sobre os muros, e dahi, muito commodamente, aprecia todas as peripecias desse jogo que se vai tornando tão popular.



Verdadeiros *habitués* dessas torrinhas ao ar livre, a travessa *gurisada*, a que se juntam bastante marmanjos e até famílias interessa-se por esse violento *sport* e com alegres piadas, commenta os incidentes do jogo. A's vezes lá do alto do morro ou do meio das ribanceiras o entusiasmado e tal, que rola um espectador provocando apenas hilaridade geral, visto como a *criança e ao borracho põe Deus a mão por baixo...*

Fonte: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/omalho/revista.asp?rev=163&ano=1905>

Acessado em 07/03/2014, às 11h15min.

Dentre algumas das vedações impostas pela Liga Suburbana aos seus participantes está o fato de que um atleta que disputasse outro torneio não poderia estar inscrito naquela competição (Jornal do Brasil, em 18/08/1907). Não obstante, mesmo ciente disso, o Sport Club Mangueira tentou valer-se de jogadores a época integrados ao Bangu Athletic Club (que a época jogava a Taça Bangu, por haver rompido com a LMSA em 1907) para reforçar seus excrete, o que, quando denunciado à Liga, foi vetado (Gazeta de Notícias, em 02/10/1907).

Apesar desses e de outros contratempos a Liga Suburbana foi realizada, o Riachuelo se impôs perante os adversários e, com apenas uma derrota em todo o torneio, foi o vencedor da competição, tanto com o 1º quanto com o 2ª time. Em seu único revés, porém, com o 1º quadro, é possível encontrar elementos de sua superioridade.

No duelo entre Pedregulho F.C. x Riachuelo F.C, às 16h do dia 26 de maio de 1907, foi dado pelo Riachuelo o kik-off da partida disputada no campo do Athletic Mangueira. O Riachuelo teve uma boa atuação, mas foi derrotado por 3 a 2, graças ao erro do *referee* Soares Pinto [do S.C. Mangueira], que assinalou *off-side* em dois gols marcados pelo Riachuelo e que, por essa razão, foi muito prejudicado. “Aproveitamos a ocasião para chamar a atenção da digníssima directoria da Liga, sobre a escolha dos referees” (O Paiz, em 30/05/1907) (...) “Tivemos também a ocasião de notar as más condições do campo, como a falta de cumprimento de uma resolução última da Liga” (O Paiz, em 30/05/1907). A Liga Suburbana chegou a montar uma comissão específica para avaliar o estado de alguns campos onde eram disputados os jogos do seu torneio, como também acontecia na LMSA.

Seus jogos, assim como aqueles realizados pela Liga Metropolitana, atraíam aos estádios “grande assistência”, sendo em geral “muito concorridos – contando mesmo com a presença de “muitas senhoras e cavalheiros” que atestavam o sucesso da iniciativa. O sucesso da nova entidade geraria, como consequência principal, o aparecimento por toda a cidade de diversas ligas congêneres, abrindo novos campos para a prática do jogo. Longe do monopólio pretendido pela Liga Metropolitana, o futebol ia assim alastrando-se por vários bairros e grupos da cidade. (Pereira, 2000, p.70)

As formas alternativas do futebol competitivamente organizado no Rio de Janeiro não se limitaram à Liga Suburbana, afinal de contas havia “cerca de doze a quinze clubs fora da Liga Metropolitana, alguns dos quaes bem florescentes e reunindo bons elementos para a disputa de uma prova de honra” (O Paiz, em 15/03/1907). Esse foi o caso de dois clubes que saíram da LMSA buscaram liderar a formação de novos campeonatos: o Bangu e o Rio Cricket. O Bangu fundou o que ficou conhecido como Taça Bangu, da qual se sagrou campeão, enquanto que o Rio Cricket deu início a União Sportiva Fluminense.

Conclusão

Se em nível institucional o futebol permaneceu restrito à elite, fora dele este jogo difundiu-se entre os mais diversos indivíduos. Ao contrário de muitos esportes da época, ele possuía características peculiares que permitiram a sua prática dentro do cotidiano das pessoas comuns:

Economicamente: Do ponto de vista econômico, o jogar futebol era perfeitamente viável ao trabalhador. Enquanto o preço para a aquisição de um cavalo para a prática do turfe, ou mesmo de um barco para a regatas, era algo fora do seu orçamento, um estafeta ou um empregado do Jardim Botânico tinha condição e adquirir uma bola de futebol. Estima-se que este instrumento estivesse custando em torno de 5 ou 6 mil réis, enquanto os salários dos trabalhadores apresentados estava na casa dos 60 e 75 mil réis, respectivamente. Em síntese, podemos afirmar que aquisição de uma bola, utensílio de média ou longa duração de uso, ocupava uma única vez entre 6% a 8% do orçamento de um trabalhador. O valor pode parecer elevado, contudo é muito menor do que o cobrado para a aquisição de um cavalo, mensurado em aproximadamente 85 mil réis, ou 113% a 140% do salário de um trabalhador.

Geograficamente⁴: Com menos caráter violento, mas igualmente no espaço urbano, o futebol também se desenvolveu entre os séculos XIX e XX no Rio de Janeiro. Se na Inglaterra do período pré-industrial este jogo já era uma preocupação constante para as autoridades locais, na Capital Federal o mesmo se daria nos anos 1900. Os ajuntamentos de indivíduos nas ruas já era um fato bastante criticado pela sociedade da

⁴ Existem diversos documentos do século XIV que fazem referências explícitas a um jogo de bola praticado com os pés em terras britânicas. Em 1314, por exemplo, é possível encontrar uma ordem do rei Eduardo III proibindo a prática do futebol dentro da cidade de Londres em razão das desordens provocadas; em 1365 o mesmo futebol é apontado pelo soberano como “um desperdício de tempo e uma ameaça à paz, e propunha-se assim canalizar energias do povo para aquilo que consideravam as ocupações mais úteis” (ELIAS e DUNNING, 1985, p.258), como os exercícios nas armas militares. Em 1579, encontra-se um caso em que estudantes de Cambridge estavam na vila de Chesterton para jogar uma partida e foram atacados pelos moradores de lá com bastões. Em 1608, na cidade de Manchester, foi promulgada uma ordem semelhante as encontradas em Londres no século anterior proibindo a prática do futebol em virtude do prejuízo causado e de outros problemas que dali advinham. “A ordem se refere ao elevado número de janelas que quebraram, o modo como ofenderam muitos habitantes e cometeram outras desordens” (ELIAS e DUNNING, 1985, p.262). Não obstante a tais proibições, esse jogo foi durante séculos o passatempo favorito de muitas pessoas, ainda que provocasse ossos quebrados e narizes ensanguentados que o fizeram ser considerado um comportamento antissocial. Dessa forma, a prática do futebol em espaços geográficos que não os oficialmente determinados era um motivo de objeção, como fora na Inglaterra de tempos pretéritos.

época, conforme podemos ver nos relatos de Queixas do Povo, do Jornal do Brasil, entre 1891 a 1907.

Os *grounds*, como ficariam conhecidos os primeiros estádios do Rio de Janeiro, eram o local ideal para ocorrer esse jogo, conforme o futebol foi se desenvolvendo, contudo, antes mesmo da fundação dos primeiros clubes, já se tentava jogá-lo em área abertas e, a depender de quem, de como e de quando o fazia, isso era aceito.

Antes mesmo de Charles Miller e Oscar Cox retornarem ao Brasil, há relatos de que “alguns colégios confessionais e laicos de São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul praticavam futebol desde a década 1880” (FRANCO JÚNIOR, 2007, p.62), bem como de marinheiros britânicos que o fizeram nesse período nos jardins do palácio da Princesa Izabel. Além disso, no início do século XX, o Jornal do Commercio dava grande destaque nas terças-feiras para destacar o sucesso dos jogos esportivos do Professor Jayme Higgins aos domingos, na Praça da República. Essa região, uma década atrás, recebia reunião de indivíduos caracterizados como vagabundos e viciados, mas as pessoas que acompanhavam Higgins estavam longe de assim ser definidas.

Contudo, o destaque dado por Elias e Dunning em relação à preocupação do governo londrino no século XVII com as janelas quebradas na cidade, também se mostra presente no Rio de Janeiro do século XX. É aqui que, em Queixas do Povo, moradores da Rua Barão do Flamengo chamam a atenção das autoridades para um problema semelhante.

A reclamação dos cidadãos deve ter tido destaque na prestigiado jornal em virtude de um dos *shoots* desferidos ter atingido as vidraças do Hotel dos Estrangeiros, um dos mais ilustres estabelecimentos do gênero na Cidade Maravilhosa. Entretanto, este fragmento de notícias tem muito mais a nos dizer.

Repare que a queixa dos moradores se dá pela constante presença de praticantes do futebol de rua naquele espaço, o que prova que em algumas localidades do Rio de Janeiro, já em 1902, era corriqueira a prática deste esporte fora dos espaços oficiais. Do ponto de vista geográfico, o futebol, ao contrário do turfe e do remo, não ficou limitado às áreas especificamente criadas para si. Ele transcendeu às quatro linhas dos *grounds*, bem como a elite que tentou monopolizá-lo.

Instrumentais: O fato de o futebol poder ser feito de improviso, isto é, sem necessariamente a utilização de uma bola oficial, traves, chuteiras e o seguimentos das

regras estabelecidas na Inglaterra, foi um elemento que o diferenciou das outras práticas esportivas da época.

Os instrumentos listados acima eram comuns nos jogos da elite, categoria social a qual “o esporte sempre esteve bastante ligado” (MELLO, 2000, p.14). Leonardo Pereira é categórico ao afirmar que “a técnica reproduzida dos ingleses tornava-se ao mesmo tempo um grande critério de exclusão – ajudando a fazer do futebol um jogo restrito àqueles poucos conhecedores dos seus ditames” (PEREIRA, 2000, p.39), contudo, essa exclusão não foi capaz de impedir que as camadas populares (indivíduos de baixa condição social, que poderiam ser empregados ou não) também participassem, em seus espaços e de acordo com as suas condições socioeconômicas, desse processo.

Assim como o processo de absorção da elite da cultura europeia não “significou uma passiva acomodação de ideias, mas constantes reelaborações entre os mais diversos parâmetros de pensamento, originários de muitos países e realidades diferentes” (MELLO, 2000, p.26), as camadas populares também resignificaram os esportes e, em especial, o futebol.

Na rua, por exemplo, nem sempre foi possível obedecer a regulamentação de 11 jogadores para cada time. Contudo, mais do que não haver possibilidade, era inegável que também não havia necessidade, uma vez que com dois ou quatro pessoas era possível bater uma bolinha.

O hábito de homens se reunirem pelas ruas da Capital Federal é antecessor ao surgimento do futebol, mas este esporte não se manteve alheio a isso, muito pelo contrário: ele cresceu por meio desse canal e o *shoots* na bola ou qualquer outro objeto redondo substituíram, não completa e eternamente, os jogos de baralho, por exemplo.

Saúde/Higiênico: A educação física foi um assunto esquecido em boa parte do século XIX. Vista com dúvidas pela sociedade brasileira, os exercícios físicos possuíam um caráter negativo que começou a ser modificado nos finais daquele século.

"Nos últimos 25 anos do século XIX já é provável identificar reflexos dessas mudanças nos banhos de mar, que passam também a ser encarados como exercícios físicos para melhoria do padrão estético corpóreo, o que se articula plenamente com um outro parâmetro de saúde" (MELLO, 2000, p.49). Em síntese, o que Mello aponta é a mudança na percepção do tratamentos das doenças, para a qual a cura também podia estar nos exercícios físicos. Fazendo uso mais uma vez da obra-prima de Aluísio de

Azevedo, O Cortiço, de 1890, em que é narrada a vida miserável dos moradores de habitações coletivas no Rio de Janeiro, é possível perceber como essa concepção estava presente também nas camadas populares.

No livro, o autor descreve uma das personagens, chamada Pombinha, filha de uma viúva denominada D. Isabel, como "loira, muito pálida, com uns bons modos de menina de boa família" (AZEVEDO, 2012, p.42). Aquela moça pobre que morava com a sua mãe sofria de um problema hormonal que impedia a sua menstruação. Ciente disso, D. Isabel já tentara de tudo, mas não conseguira nada, sendo frequentemente interpelada pelo vizinhos do cortiço onde vivia: "Então? Já veio?; Por que não tenta os banhos de mar? Por que não chama outro médico?" (AZEVEDO, 2012, p.43).

Repare que nesta obra a questão dos banhos de mar é apontada como um tratamento de saúde também para as camadas populares. Isso se dava por vários caminhos. A medicina, por exemplo, que já considerava essa possibilidade lhes dava a recomendação diretamente, quando algum médico ia tratar de um doente. Alias, se pudermos levar em consideração as dificuldades financeiras pelas quais aquelas pessoas passavam, era bem provável que, ante a impossibilidade de adquirir medicamentos, os banhos de mar fosse apontados como o tratamento mais viável.

Não obstante, aqueles indivíduos também adquiriram esse conhecimento por meio da leituras dos jornais da época que discutiam o assunto. Ainda que não fosse possível adquirir um exemplar diariamente e que a grande maioria fosse analfabeta, essa informação e outras presentes nos periódicos nunca esteve restrita a elite letrada e monetariamente em melhores condições.

Não custa lembrar a existência de anúncios de trabalhadores livres oferecendo seus serviços nos jornais, o que mostra que essa categoria não só os lia, como também atuava diretamente lhe fornecendo conteúdo. Também não se pode destacar os pequenos furtos aos postos de venda, bem como, é claro, a aquisição legal de uma das suas edições. Pombinha, na obra de Azevedo, era querida no cortiço de Seu Romão justamente por ser ela "quem lia os jornais para quem quisesse ouvir" (AZEVEDO, 2012, p.43), o que mostra a existência de um hábito presente nas camadas populares desde o período da independência, por meio do que Maria Nizza chama de Murais Políticos, que nada mais eram do que a fixação de panfletos, jornais e outras produções escritas em paredes que eram lidos para a população que não podia fazê-lo sozinha.

Desta forma, o caráter higiênico da prática de exercícios físicos chegou as camadas populares. Embora aquelas pessoas observassem indivíduos da elite montados em seus cavalos, remando, nadando e até mesmo jogando futebol há algum tempo, eles também tinham, a seu modo, o conhecimento de que tais práticas eram saudáveis.

Coletivo: Até o século XIX, as práticas de lazer no Brasil colonial estavam atreladas às atividades feitas dentro do próprio lar desses indivíduos, salvo as festas religiosas e profanas realizadas em ambientes públicos em determinadas épocas do ano. A partir de 1800, no entanto, surgiram espaços onde o lazer poderia ser gozado em variados momentos.

Conforme pesquisa feita por Mary Del Priori, a passagem do Brasil colônia para o Brasil independente também demarcou uma mudança nos comportamentos individuais, os quais, com a proximidade do século XIX, deixaram de ver o lazer como uma atividade reclusa ao lar e passaram a gozá-lo em ambientes públicos, isto é, coletivos, nos quais poderiam ter contatos com outros indivíduos.

Repare que o fato de as corridas de cavalo e as regatas serem consideradas autênticos eventos sociais, não se configura como um caso isolado, mas inserido em uma lógica em que diversas outras práticas de lazer tinham a rua (os ambientes coletivos) como local de manifestação. Datam deste século, por exemplo, a fundação de teatros de grande porte no Rio de Janeiro, como o Teatro João Caetano, de 1813, bem como a criação de diversos clubes e bares, à moda francesa.

Enquanto a elite imperial e republicana encontraria sua diversão nesses ambientes, as camadas populares não se mostrariam por completo excluída de representar, em seus espaços, práticas semelhantes. Era comum a presença do “povo” às provas de turfe (havendo, inclusive, a existência por certo tempo de um Prado popular: o Prado Fluminense) e às regatas, assim como existiram pelo Rio de Janeiro quiosques e botequins em que a população comum podia se divertir.

O trabalho de Sidney Chaullob, *Lar, Trabalho e Botequim* é importante para retratar essa situação em que os trabalhadores, após um dia de labuta, se reúnem em um botequim para conversarem e se divertirem. Esse momento de lazer já está inserido em uma mudança cultural identificada ao longo do século XIX, que nas camadas superiores se manifesta por sua presença nos ambientes chiques da cidade, mas que são resignificados em áreas não tão ilustres, como os botequins retratados pelo historiador.

Análise semelhante pode ser feita em relação à participação das camadas populares nas práticas esportivas, sobretudo em relação ao futebol. Se com o turfe e o remo era difícil a reprodução de sua prática em ambientes com menores recursos financeiros, dada à dificuldade e a obrigatoriedade de aquisição de seus instrumentos, como futebol esse problema não aconteceu. Para jogar o esporte bretão tudo poderia ser improvisado e, mesmo quando se desejasse adquirir os instrumentos autênticos, a bola, o principal deles, se mostrava economicamente acessível ao trabalhador comum.

Além disso, o futebol, por ser uma atividade coletiva, se insere na prática corriqueira de diversão em conjunto praticado por esses homens a partir do século XIX. Eles já se reuniam em bares ou mesmo na rua para jogar dados e cartas, porém, com o tempo passam a se encontrar também para jogar futebol.

Temporais: O tempo despendido em uma prática de lazer é, sem dúvidas, um critério importante para a sua escolha, sobretudo em um período histórico cujas jornadas de trabalho estavam longe de ser 8h diárias para os membros das camadas populares. Para a elite, no entanto, havia mais elasticidade temporal para essa escolha.

Se levarmos em consideração o espaço geográfico do Rio de Janeiro na transição do século XIX para o XX, é inegável as diferenças verificadas entre as áreas urbanas (centro) e rurais (subúrbios), depois entre as que conhecemos hoje por Zona Sul, Zona Norte, Zona Oeste, Centro e Baixada Fluminense.

No plano institucional, não há dúvidas nenhuma que o fato de as camadas populares terem pouco tempo livre para as práticas esportivas foi um dos motivos do caráter passivo, isto é, de apenas comporem o público que assistia as corridas de turfe e regatas. Além disso, havia as barreiras econômicas, instrumentais e geográficas. Curiosamente, o mesmo se dava no cotidiano desses indivíduos, já que o tempo necessário para organizar uma simples corrida de cavalos ou de barcos era enorme para aqueles que não trabalhassem diretamente como isso.

Nesse aspecto, porém, o futebol foi diferente. Não era preciso organizar um espaço específico (como no caso do turfe) e nem ir a um determinado lugar (como ao mar, no caso de se querer praticar remo) para jogar futebol. As ruas e terrenos baldios eram locais mais do que ideais para se exercitar por meio desse jogo.

Em São Paulo, por exemplo, acredita-se que a primeira partida disputada por Charles Miller no Brasil foi na Várzea do Carmo, em 1895. No Rio de Janeiro, em

1901, era comum aos domingos o professor Higgins levar alguns jovens da elite carioca para disputar uns “matches de football”, assim como quatro anos depois o Jornal do Brasil já traz queixas em relações a problemas causados pela prática do futebol em centros urbanos, como as vidraças quebradas no Hotel dos Estrangeiros.

Esses eventos no Rio de Janeiro têm em comum o fato de não fazerem parte do futebol institucional, isto é, aqueles compostos por times oficiais, como o são os jogos do Fluminense, do Rio Cricket ou do Paissandu, no início do século XX. São atividades praticadas por membros da elite (os jogos do professor Higgins) e indivíduos de diversas camadas sociais (os jogos pelas ruas do Rio de Janeiro), mostrando que o futebol exigia um menor tempo para ser desfrutado do que outros esportes da época, sendo, junto com a questão econômica e instrumental, um fator de atração para as camadas populares.

No plano institucional, a existência de clubes populares cresce, por exemplo, à medida que a jornada de trabalho para algumas categorias também é reduzida, como aconteceu com a União Operária de Engenho de Dentro. Esta entidade, definida como um sindicato pluriprofissional, por Gláucia Fraccaro, era "em sua maioria composta de operários da E.F. Central do Brasil" (Correio da Manhã, em 25/11/1903), mas entre o final do ano de 1906 e o início de 1907 seu salão havia presenciado o surgimento do Atlético F.C e do Fábrica F.C., dois dos mais de quarenta clubes destinados à prática de futebol existente no período.

Sem dúvidas, o crescimento do esporte bretão na cidade do Rio de Janeiro neste período foi determinante para que os simpatizantes da UOED fundassem equipes para a sua prática, ainda de curta duração e sem mesmo disputar os principais torneios da Capital Federal: alias, foi assim que o futebol cresceu - de forma silenciosa e cotidiana. Não é preciso esperar uma modificação revolucionária das classes baixas por meio da produção de clubes e torneios equivalentes aos verificados na elite com a LMSA. A simples prática constante deste jogo já indica a sua inserção na cultura desses indivíduos.

Referências

Bibliografia

- AZEVEDO, Aluísio. *O Cortiço*. 8 ed. São Paulo: Martin Claret, 2012;
- BATALHA, C. H. d. M. "*Sociedades de trabalhadores no Rio de Janeiro do século XIX: algumas reflexões em torno da formação da classe operária*." Cadernos AEL 6(10/11), 1999;
- BENCHIMOL, Jaime L. *Pereira Passos: um Haussman tropical*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1992;
- BRANDÃO, Helena Câmara Lacé e MARTINS, Angela Maria Moreira. **O Rio de Janeiro no Século XX: A expansão da cidade do centro para sul**. Revista Tempo e Conquista, 4ª edição, 2008;
- CAMINHA, Adolfo. *A Normalista*. São Paulo: Martin Claret, 2007;
- CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas*. São Paulo: Cia das Letras, 1990;
- CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil. Um longo Caminho**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002;
- CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim*. São Paulo: Brasiliense, 1986;
- COSTA, Emília Viotti da. **Da Monarquia à República: momentos decisivos**. São Paulo Unesp, 1998;
- ELIAS, Nibert e DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Tradução de Maria Manuela Almeida e Silva. Lisboa: DIFEL, 1985;
- FAUSTO, Bóris. *Trabalho urbano e conflito social*. São Paulo: DIFEL, 1977;
- FERNANDEZ, A. C. F. *Assim é meu subúrbio: o projeto de dignificação dos subúrbios entre camadas médias suburbanas de 1948 a 1957*. Dissertação (Mestrado). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1995;

- **FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucila de Almeida Neves (org).** **O Brasil Republicano Volume I: O tempo do liberalismo excludente: da Proclamação da República à Revolução de 1930.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008;
- **FRACCARO, Gláucia Cristina Candian.** **Morigerados e revoltados: trabalho e organização de ferroviários da Central do Brasil e da Leopoldina (1889 - 1920).** Dissertação (Mestrado). Campinas: Unicamp, 2008;
- **FRANCO JÚNIOR, Hilário.** *A dança dos deuses: futebol, cultura, sociedade.* São Paulo: Companhia das Letras, 2007;
- **GOLDMACHER, Marcela.** **A "Greve Geral" de 1903 - O Rio de Janeiro nas décadas de 1890 a 1910.** Tese (Doutorado). Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2009;
- **GRAHAM, Richard.** *Grã-Bretanha e o início da modernização no Brasil (1850 – 1914).* São Paulo: Brasiliense, 1973;
- **GUTERMAN, Marcos.** *O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país.* 1ª ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2010;
- **HOBSBAWM, Eric J.** *A era das revoluções.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981;
- **HOBSBAWM, Eric J.** *Mundos do trabalho.* Tradução de Waldea Barcellos e Sandra Berdan. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000;
- **MATTOS, Marcelo Badaró (Org.).** **Trabalhadores em greve, polícia em guarda: greves e repressão policial na formação da classe trabalhadora carioca.** Rio de Janeiro: Bom Texto/Faperj, 2004;
- **MELLO, Victor Andrade de.** *Cidade sportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro.* Rio de Janeiro: Relume Dumará: FAPERJ, 2001;
- **MELLO, Victor Andrade de.** *Remo, modernidade e Pereira Passos - Primórdios das políticas públicas de esporte no Brasil.* Revista Esporte e Sociedade nº 3, 2006;

- **PEREIRA**, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro – 1902 – 1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000;
- **PRIORI**, Mary Del. “Em casa, fazendo graça”: domesticidade, família e lazer entre a Colônia e o Império. In: **MARZANO**, Andrea e **MELLO**, Victor Andrade de (orgs). *Vida divertida: história do lazer no Rio de Janeiro (1830-1930)*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010;
- **SANTOS**, João Manuel Casquinha Malaia. *Revolução Vascaína: a profissionalização do futebol e inserção sócio-econômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934)*. Tese (Doutorado). São Paulo: USP, 2010;
- **SANTOS**, Leonardo Soares dos. *Os subúrbios do Rio de Janeiro no início do século XX*. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Revista de Humanidades nº 12 (30), 2011;
- **SEVECENKO**, Nicolau. *A capital radiante: técnica, ritmos e ritos do Rio de Janeiro* in História da Vida Privada no Brasil – Vol.3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998;
- **THOMPSON**, E. P. *A formação da classe operária inglesa Vols. I, II e III*. Tradução de Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987;
- **THOMPSON**, E.P. *Costumes em comum*. Tradução de Rosaura Eichemberg. São Paulo: Companhia das Letras, 1998; e
- **UNZELTE**, Celso. *O livro de ouro do futebol*. São Paulo: Ediouro, 2002.

Fontes

- Jornal Correio da Manhã;
- Jornal Diário de Notícias;
- Jornal do Brasil;
- Jornal Gazeta de Notícias;
- Jornal O Paiz; e
- Revista O Malho.

Acervo

- Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional; e
- Fundação Casa de Rui Barbosa.